



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO - DELMIRO GOUVEIA/AL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA LICENCIATURA

ALEXSANDRO PEDRO DA PAZ

ESPACIALIZAÇÃO GEOMORFOLOGICA DA PAISAGEM: UM ESTUDO DA
ETNOGEOMORFOLOGIA DE PESCADORES DA VILA DE ENTREMONTES –
PIRANHAS – AL

DELMIROGOUVEIA

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

P348e Paz, Alexsandro Pedro da

Espacialização geomorfológica da paisagem: um estudo da etnogeomorfologia de pescadores da Vila de Entremontes – Piranhas - AL / Alexsandro Pedro da Paz. - 2022.

54 f. : il.

Orientação: Lucas Gama Lima.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Geomorfologia. 2. Etnogeomorfologia. 3. Espacialização. 4. Vila de Entremontes. 5. Piranhas – Alagoas. i. Lima, Lucas Gama. II. Título.

CDU: 911.53:550.81



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS CAMPUS DO SERTÃO
CURSO: GEOGRAFIA – LICENCIATURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): **Alexsandro Pedro da Paz**

“Espacialização geomorfológica da paisagem: um estudo da etnogeomorfologia de pescadores da Vila de Entremontes – Piranhas/AL” - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL - Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 27 de julho de 2022.

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
LUCAS GAMA LIMA
Data: 29/07/2022 13:03:40-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

(Prof. Dr. Lucas Gama Lima – UFAL /Campus do Sertão)
(Orientador(a))

(Prof. Dr. José Alegn Roberto Leite Fachine - UFAL /Campus do Sertão) (1º Examinador(a))

(Profa. Dra. Carla Taciane Figueirêdo - UFAL/Campus do Sertão) (2º Examinador(a))

ALEXSANDRO PEDRO DA PAZ

**ESPACIALIZAÇÃO GEOMORFOLOGICA DA PAISAGEM: UM ESTUDO DA
ETNOGEOMORFOLOGIA DE PESCADORES DA VILA DE ENTREMONTES/AL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Geografia em licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção de graduação de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Gama Lima

DELMIROGOUVEIA, 2022

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a:

Maria Carmelia de Almeida Paz (In memoriam).

A todos os amigos que colaboraram para este trabalho.

E em nome de (Andre Paulino), dedico a todo(as) vítimas da Covid-19, e todo(as) os meus amigos que se foram no ano 2019 a 2021.(In memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e todas as forças positivas do universo por minha vida e por tudo que eu sou. Ao curso de Geografia, uma ciência com a qual muito me identifico; à expansão do ensino superior através das políticas públicas dos governos passados “de esquerda”, que propocionaram através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) uma qualificação superior onde pude contemplar participação no Campus Sertão da UFAL.

Agradeço à minha família pelo apoio; ao meu pai (Pedro Luiz da Paz), por me custear logo no início dos estudos e por ser meu amigo, meu velho amigo! À minha esposa (Maria Cilena) e minha filha (AnnySofia), por me estimularem e, com suas presenças, não me deixarem desanimar.

Agradeço aos meus irmãos que são inspiração na luta diária: (Adriana, Aldo, Alzineide, Anderson), aos sobrinhos, primos e primas que viam a minha luta e me incentivavam nos momentos mais difíceis, quando as coisas pareciam não dar certo, sempre podia contar com suas presenças para acalmar um pouco o espírito e seguir em frente.

Agradeço a todos os professores que deram o melhor de si por mim, por minha turma; a eles declaro aqui minha gratidão.

Aos amigos e colegas que fiz através da UFAL Sertão, serão eternos, falávamos a mesma língua, bebemos a mesma bebida, comemos a mesma comida. A viagem de campo ficava curta, as aulas diárias ficavam bem melhores, pois fortalecíamos uns aos outros, e isso fazia esquecer o cansaço da jornada diária.

Agradeço ao grupo de pesquisa GEPAT (Geomorfologia e Evolução da Paisagem em Ambientes Tropicais), onde ingreeci no ano de 2018, cadastrado pelo programa CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Agradeço ao Programa de Bolsa Permanência (PBP), ao Programa Residência Pedagógica (PRP). Agradeço à Comunidade Quilombola Sítio Lages – Piranhas – AL, a qual sou membro.

*“Os rios não bebem a mesma água...
As árvores não comem seus próprios frutos...
O sol não brilha para si mesmo...
E as flores não espalham sua fragrância para si...
Viver para as outras é uma regra da natureza...
A vida é bela quando você está feliz!
Mas, é muito melhor quando os outros
estão felizes por sua causa!”*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização da área de estudo

Figura 2: Mapa geológico do município de Piranhas - Alagoas

Figura 3: Mapa geomorfológico do município de Piranhas - Alagoas

Figura 4: Mapa hipsométrico do município de Piranhas - Alagoas

Figura 5: Mapa dos solos do município de Piranhas - Alagoas

Figura 6: Mapa hidrográfico do município de Piranhas - Alagoas

Figura 7: Mapa da vegetação do município de Piranhas – Alagoas

Figura 8: Barcos Ancorados no Rio São Francisco na Vila de Entremontes, município de Piranhas – AL.

Figura 9: Casa do Bordado da Vila de Entremontes, Piranhas – AL

Figura 10: Material para Pescar Camarão no rio São Francisco na vila de Entremontes, Piranhas –AL., material na residência do pescador.

Figura 11: Trecho navegável do rio São Francisco, próximo à Vila de Entremontes, Piranhas – AL.

Figura 12: Cais dos Pescadores do rio São Francisco na Vila de Entremontes, Piranhas – AL.

Figura 13: Pôrdo Sol no rio São Francisco na Vila de Entremontes, Piranhas – AL.

Figura 14: Vista área do centro da Vila Entremontes, Piranhas – AL.

Figura 15. Mulheres fazendo bordados em Entremontes, Piranhas – AL.

LISTA DE ABREVIATURAS

CPRM- Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

SIG- Sistema de Informações Geográficas

ZAAL- Zoneamento Agroecológico de Alagoas

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EOSDIS- Sistema de Informação e Dados do Sistema de Observação da Terra

NASA- National Aeronautics and Space Administration ou Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUDENE- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

MMA- Ministério do Meio Ambiente

SIBICS - Sistema Brasileiro de Classificação de Solos

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Nacional

ICR- Índice de Concentração de Rugosidades

GEPAT - Geomorfologia e Evolução da Paisagem em Ambientes Tropicais

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

PBP - Programa de Bolsa Permanência

PRP - Programa Residência Pedagógica

IMA - AL – Instituto de Meio Ambiente de Alagoas

SEMARH - AL - Secretaria do Estado do Meio Ambiente de Recursos Hídricos de Alagoas

EIA- Estudo de Impacto Ambiental

RIMA - Relatório de Impacto Ambiental

RESUMO

É eminente o reconhecimento da paisagem e do relevo por um povo que habita uma terra e aomesmotempo faz parte do recorte espacial. Quando os ribeirinhos conhecem a geomorfologia de sua região, eles podem utilizá-la para sua sobrevivência. A Etnogeomorfologia se debruça sobre essa realidade. De fato, o homem é parte de sua região típica e dela vive e se reconhece. A comunidade escolhida foi a dos pescadores do Baixo São Francisco, da Vila de Entremontes, município de Piranhas (AL). A partir do olhar dos povos tradicionais se faz necessário trazer à luz da ciência, a importância dos pescadores ao seu presente, passado e futuro. Reconhece é objetivo geral da presente pesquisa, para isso se faz necessário analisa o conhecimento dos pescadores sobre a geomorfologia da região, bem como utilizá-la como ferramenta de sobrevivência e de desenvolvimento social e cultural. A pesquisa é de cunho descritivo e terá uma amostragem não probabilística intencional. De todo modo, se observa e é possível identificar, através deste trabalho, a peculiaridade dos pescadores da vila de Entremontes. Fica evidente que dentro de suas atividades, a pesca está em primeiro lugar, mas ainda existem para além da pesca o artesanato, a agricultura familiar, extrativismo ambiental. Conclui-se que os costumes e conhecimentos da comunidade de pescadores, na região do baixo São Francisco, têm sua importância para o desenvolvimento social, cultural e ambiental.

Palavras –chave: Etnogeomorfologia; Espacialização; Geomorfologia.

SUMMARY

The recognition of landscape and relief by a people who inhabit a land and at the same time is part of the spatial cut is eminent. When riverine people know the geomorphology of their region, they can use it for their survival. Ethnogeomorphology focuses on this reality. In fact, man is part of his typical region and he lives and recognizes himself there. The community chosen was the fishermen of Baixo São Francisco, from Vila de Entremontes, municipality of Piranhas (AL). From the perspective of traditional peoples, it is necessary to bring to the light of science the importance of sinners in their present, past and future. Recognizes is the general objective of this research, for this it is necessary to analyze the knowledge of fishermen about the geomorphology of the region, as well as use it as a tool for survival and social and cultural development. The research is descriptive and will have an intentional non-probabilistic sampling. In any case, it is possible to observe and identify, through this work, the peculiarity of the fishermen of the village of Entremontes. It is evident that within their activities, fishing is in the first place, but there are still handicrafts, family farming, environmental extractivism in addition to fishing. It is concluded that the customs and knowledge of the fishing community in the lower São Francisco region are important for social, cultural and environmental development.

Keywords : Ethnogeomorphology ; Spatialization; Geomorphology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Justificativa.....	14
Problema de pesquisa.....	14
Objetivos.....	16
Estruturação da pesquisa.....	16
Caracterização da área de estudo.....	17
Arcabouço Geológico.....	19
Geomorfologia.....	20
Hipsometria.....	21
Aspectos Pedológicos	Erro! Indicador não definido.1
Rede de Drenagem.....	Erro! Indicador não
definido.22 Vegetação.....	24
CAPITULO1: ALGUNS APOSTES SOBRE ETNIA, GEOMORFOLOGIA E	
ETNOGEOMORFOLOGIA.....	25
Etnia.....	25
Geomorfologia.....	26
Etnogeomorfologia.....	27
CAPITULO 2: SUPORTE TEÓRICO: MAPEAMENTO GEOMORFOLÓGICO,	
GEOPROCESSAMENTO, PAISAGEM.....	32
Mapeamento geomorfológico.....	32
Geoprocessamento.....	33
Paisagem.....	34
RESULTADOS E ANÁLISES.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

A construção de saberes em cima de conhecimentos geomorfológicos pode ser focalizada na análise de um povo de determinada região, bem como na concepção deste diante dos fatores da dinâmica social aos quais estão submetidos. “O semi-árido é composto por uma grande diversidade de ecossistemas como a caatinga, as chapadas, os cerrados, os campos rupestres, os brejos de altitude e diversos tipos de floresta” (Diegues, 2007, p.7). Fazer parte de uma localidade é uma questão de análise de interação entre homem e natureza, denota conhecimento de estudos sobre quem habita e como é o local habitado. É com essa consideração que este trabalho de conclusão de curso carrega como premissa trabalhar com a comunidade de pescadores do Baixo São Francisco, da Vila de Entremontes, município de Piranhas, Alagoas. Seu objetivo geral é analisar o conhecimento dos pescadores sobre a geomorfologia da região, bem como esses sujeitos usam esta geomorfologia como ferramenta de sobrevivência e de desenvolvimento social e cultural.

Em virtude da heterogeneidade paisagística, faz-se necessária a espacialização dos elementos físicos da localidade de estudo. Avaliar as percepções da paisagem baseadas no conhecimento quanto a percepções culturais dos pescadores, (Etno) geomorfologia.

A presente pesquisa resulta de revisão bibliográfica e trabalho de campo. As abordagens de campo derivam do registro oral, coletado através de entrevistas gravadas por celular que foram realizadas em três momentos distintos: 29 de janeiro de 2019 dias 12 e 26 de junho de 2022. As entrevistas foram realizadas com seis pescadores artesanais cuja pesca costuma ser feita em pequenas embarcações e em pequenos grupos familiares ou de forma individual.

Dessa maneira, esta investigação está dividida em três momentos. O primeiro é voltado ao estudo de teoria, com breve revisão bibliográfica; no segundo, as entrevistas *in loco*; e no terceiro momento, o diálogo entre a teoria e o resultado das entrevistas.

Deste modo, esta pesquisa é descritiva, pois descreve um determinado fenômeno qualitativo através de suas entrevistas e das observações, e não probabilística, quando esta pesquisa é amostragem, em que a escolha da amostra e dos seus elementos é possível.

JUSTIFICATIVA

Com uma inquietação pessoal e partindo do desejo em unificar os trabalhos e as pesquisas da geografia física e geografia humana, buscou-se trabalhar com estas vinculações. Este trabalho é fruto das discussões e reflexões do grupo de pesquisa denominado GEPAT (Geomorfologia e Evolução da Paisagem em Ambientes Tropicais), cadastrado pelo programa CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), localizado no Campus Sertão da UFAL.

Foi à luz de autores que trabalham para além da dicotomia de Geografia Física e Humana, como os trabalhos desenvolvidos pela professora Simone Cardoso, através de sua tese intitulada de “Etnogeomorfologia Sertaneja: proposta metodológica para a classificação das paisagens da sub-bacia do rio Salgado/CE” e a dissertação “Etnogeomorfologia Costeira e estuarina de pescadores artesanais no litoral de Goiana, Pernambuco” que este trabalho foi desenvolvido.

As contribuições do autor Eraldo Medeiros Neto, com a pesquisa *Aculturapescadeira do litoral norte da Bahia: Etnoictiologia, Desenvolvimento e Sustentabilidade* (2001), também foram de suma importância para alcançar os objetivos aqui propostos. As formas escolhidas para aplicar e conduzir este trabalho de conclusão de curso avigora a idéia de unir conhecimentos científicos e conhecimentos tradicionais, este trabalho também busca apreciar a proximidade dos saberes dos pescadores com a problemática ambiental.

Problema de pesquisa

A visão de um observador sobre uma realidade à sua volta, e o fato de o mesmo participar do acontecimento, fixa uma leitura ou conjunto de informações próximo possível ao fato real ali depositado. Através das entrevistas fornecidas a esta pesquisa de TCC, os pescadores da Vila de Entremontes aproximam, o quanto mais possível, elementos da natureza e sua manifestação através das suas informações e conexões pautadas neste trabalho.

Em razão da ausência de estudos acerca dos pescadores e sua conexão com a geomorfologia, em especial, a do sertão alagoano, faz-se necessário problematizar esse fenômeno. Trata-se local marcado e representado pelos povos tradicionais, a exemplo de comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhos. Os pescadores da Vila de Entremontes, público alvo da investigação, buscaram apresentar uma visão de sua diversidade através dos

fatos referente às paisagens semiáridas e suas populações. Almeida e Silva (2018, p.2) afirmam que:

Diante do contexto de que os discursos tradicionais sobre o sertão foram reiterados de um modo tal que os paradigmas centrais desses discursos, bem como as representações se reproduzem como lugar inóspito, infértil, seco, esses difundidos pelos meios de comunicação, não apresentam a diversidade cultural existente, bem como as possibilidades e particularidades que esse lugar apresenta.

Os aspectos relacionados a realidades social e ambiental que cada espaço geográfico traz nas áreas nordestinas do semiárido brasileiro têm demonstrado desde o início de sua colonização uma desarticulação recorrente entre a sua fragilidade e seu potencial, resultando em uma leitura não real. Como assevera Ribeiro (2012, p.22), “a sustentabilidade do homem nordestino no semiárido tem sido, desde o povoamento desta região, condicionada pelas condições naturais do seu meio e pelas decisões políticas, no que se refere à implantação de programas e projetos econômicos para dinamizar seu território”. Entretanto, Ribeiro (2012, p.23) expõe que:

Diante de um quadro de rigor e instabilidade climáticos, associados a solos susceptíveis à erosão devido a pouca espessura e à falta de uma cobertura vegetal mais densa em grande parte do seu território, além de uma ocupação predatória, ações públicas de gestão territorial tem sido efetivadas na região, sendo canalizadas prioritariamente em relação aos recursos hídricos.

De maneira a mitigar tal situação, o homem nordestino do semiárido se vale das condições naturais do seu meio, além das determinações políticas, onde resultam nos projetos e programas que não atendem e não são em sua maior parte voltados para os mesmos, para os pescadores, indígenas e quilombolas, demonstrando descaso com os povos tradicionais, em que em muitos momentos fazem partes de programas de governo e não de Estados, assim, resultando em mazelas profundas a todos a sua volta.

Concordando com Ribeiro (2012, p. 23), “as áreas semiáridas, devido a suas características morfoescultoras, quais sejam, alto poder erosivo das chuvas, solos pouco coesos e com pouca espessura, e baixa proteção da cobertura vegetal esparsa, apresentam um equilíbrio extremamente frágil diante da dinâmica ambiental”. Destarte, os autores Almeida e Silva (2018, p.11) esclarecem que:

Partindo do entendimento de que a imagem é um forte agente facilitador de comunicação e que a fotografia é um meio eficaz e instantâneo de registro visual, buscamos utilizá-la como ferramenta para comunicar o semiárido brasileiro, em especial a Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco na perspectiva da resignificação da paisagem. Os meios de comunicação de massa do Brasil possuem uma dívida imensa com esta região, devido à história de invisibilidade midiática e negação de sua identidade social, política e cultural.

Contudo, é preciso valer-se das ações de pesquisas de cunho científico para atenuar e viabilizar uma leitura ampla da situação atual destas comunidades que ainda sofrem um processo midiático muito grande e em sua maior parte não representa a sua realidade. É possível observar que para tal ajuntamento é necessário apresentar questionamentos com novas propostas de estudos científicos. A Etnogeomorfologia é um destes, propondo uma visão da paisagem baseada no conhecimento e perspectivas culturais dos pescadores para suavizar tal problemática.

Objetivos

O objetivo geral é analisar o conhecimento dos pescadores sobre a geomorfologia da região, bem como utilizá-la como ferramenta de sobrevivência e de desenvolvimento social e cultural na Vila de Entremontes, no Município de Piranhas, estado de Alagoas (figura 01), avaliando as percepções da paisagem baseada no conhecimento quanto a percepções culturais dos pescadores, (Etno) geomorfologia.

Apartir destes aportes, pensou-se nos objetivos específicos, em que alguns passos foram seguidos, os quais permitem:

- a) Produzir mapas para a caracterização e espacialização dos elementos físicos da Vila de Entremontes.
- b) Correlacionar à revisão bibliográfica e a atividade de campo, nas perspectivas Etnogeomorfológicas;
- c) Propor uma visão da paisagem baseada no conhecimento e perspectivas culturais dos pescadores.

Estruturação da pesquisa

De cunho descritivo, a pesquisa evidencia um estudo bibliográfico e terá uma amostragem não probabilística intencional, pesquisa de campo e análises de dados. A pesquisa está dividida em três etapas.

Na etapa I: de cunho bibliográfico, refere-se à sistemática de conceito baseada em escritores da Geografia, Geomorfologia, Etnogeomorfologia, entre outros teóricos visando ao enriquecimento da escrita. Esses estudiosos reforçarão as argumentações a respeito da valorização do conhecimento etnogeomorfológico do homem ribeirinho em suas atividades

sociais e ambientais; por isso, as produções fichadas e resumidas servirão de conteúdo teórico para a construção do trabalho final. O método científico é essencial para legitimar uma pesquisa com procedimentos formais, e de acordo com Rudio (1980, p. 9), serão efetuados de “[...] modo sistematizado, utilizando para isso método próprio e técnica especializada”.

Envolvendo a revisão bibliográfica com fonte de consulta através de livros, artigos, dissertações, teses e periódicos impressos e eletrônicos para a revisão literária, e o estudo de caso que permitirá um estudo profundo, amplo e detalhado no contexto da investigação pela “ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações” (YIN, 2010, p. 27).

Na etapa II: deu-se o procedimento metodológico do presente estudo temático voltado e pautado em entrevistas de campo, na abordagem qualitativa, segundo Malhotra (2010, p. 113), por “proporcionar melhor visão e compreensão do problema” e ser uma investigação de natureza subjetiva do objeto analisado, entendendo-se que a escolha dessa categoria é possível por proporcionar o contato direto do pesquisador com o contexto por meio de pesquisa de campo e favorecer o estudo de caso. A pesquisa de campo será realizada por meio de entrevista com pessoas da comunidade de pescadores do Baixo São Francisco, da Vila de Entremontes, município de Piranhas (AL).

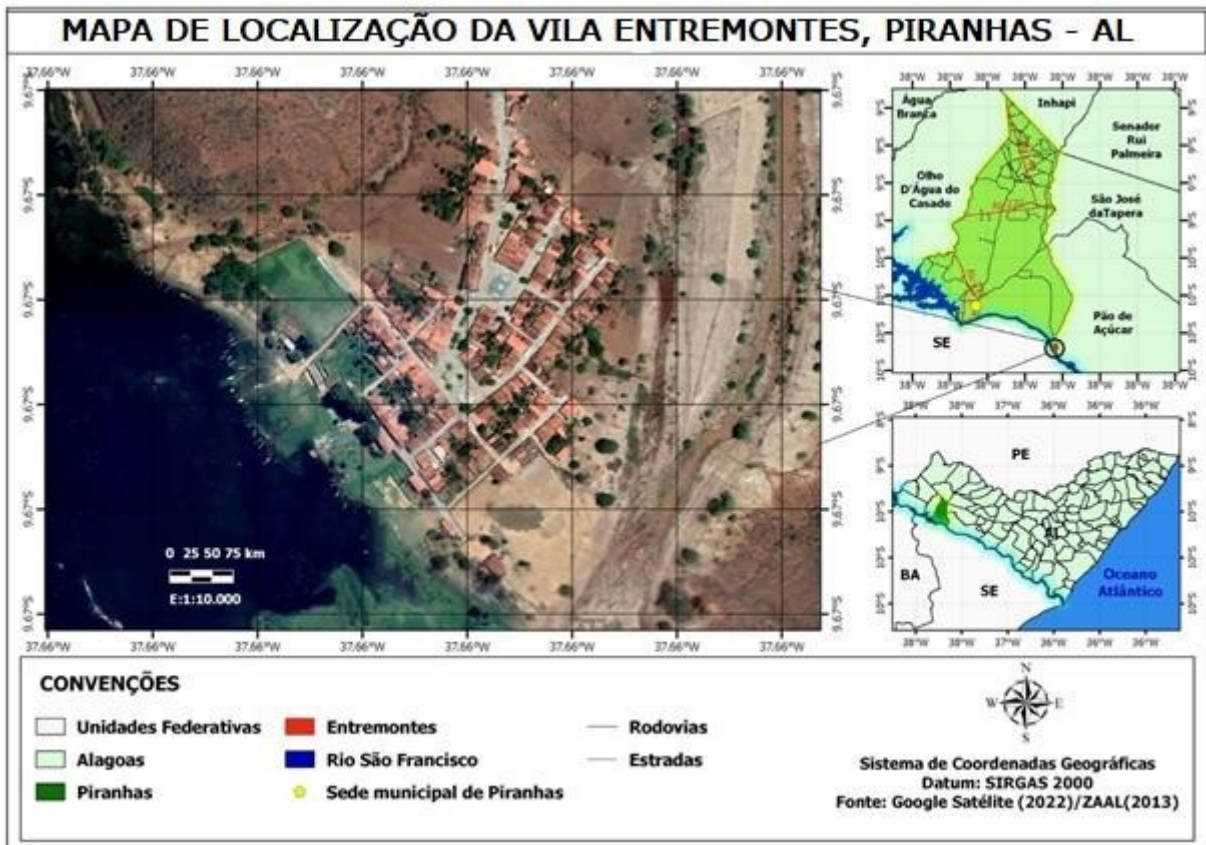
Etapa III: serão apresentados os resultados das pesquisas de campo feitas com pescadores da Vila de Entremontes, assim como feitas comparações com as entrevistas e a teoria estudada.

Caracterização da área de estudo

A área de estudo, Vila de Entremontes, encontra-se localizada no município alagoano de Piranhas (figura 1), na porção oeste do estado, limitando-se ao norte com Inhapi, ao sul com o município sergipano de Canindé do São Francisco e com o próprio rio São Francisco, a leste com os municípios de Pão de Açúcar e São José da Tapera e a oeste com Olho D’Água do Casado (CPRM, 2005).

Piranhas está inserida na mesorregião do Sertão Alagoano e microrregião do Sertão do São Francisco, com a sede municipal localizada sob as coordenadas geográficas de 9° 37’ 38’’ de latitude sul e 37° 45’ 25’’ de longitude oeste. O acesso, a partir da capital Maceió, pode ser feito através das rodovias pavimentadas BR-316, BR-101, AL-220 e AL-225 (CPRM, 2005).

Figura 1. Mapa de localização de Entremontes, Piranhas – AL.



Fonte: ZAAL (2013) Org. PAZ, A. P. (2022)

O povoado de Entremontes encontra-se localizado às margens do rio São Francisco, na porção sudeste do município piranhense, sob as coordenadas geográficas de 9° 67' 07" de latitude sul e 37° 65' 85" de longitude oeste. As principais vias de acesso são pelo próprio rio São Francisco e por estradas não pavimentadas do município de Piranhas.

A nomenclatura do povoado faz jus ao nome quando pode ser avistado entre os morros e serras a partir das margens do rio São Francisco. Sobre a sua formação administrativa é importante salientar que há divergências políticas e culturais quanto a sua denominação¹.

A história revela que o município de Piranhas foi criado em 1887, a partir do seu desmembramento do município de Pão de Açúcar. Por lei (lei estadual nº 2361, de 31-03-1938), Entremontes é constituído distrito de Piranhas desde 1911, e assim permanece até os dias atuais (IBGE, 2017). Assim, conforme a formação administrativa, Entremontes é distrito, no entanto, parte da população piranhense o vê como povoado, e para as comunidades ribeirinhas o lugar é uma Vila.

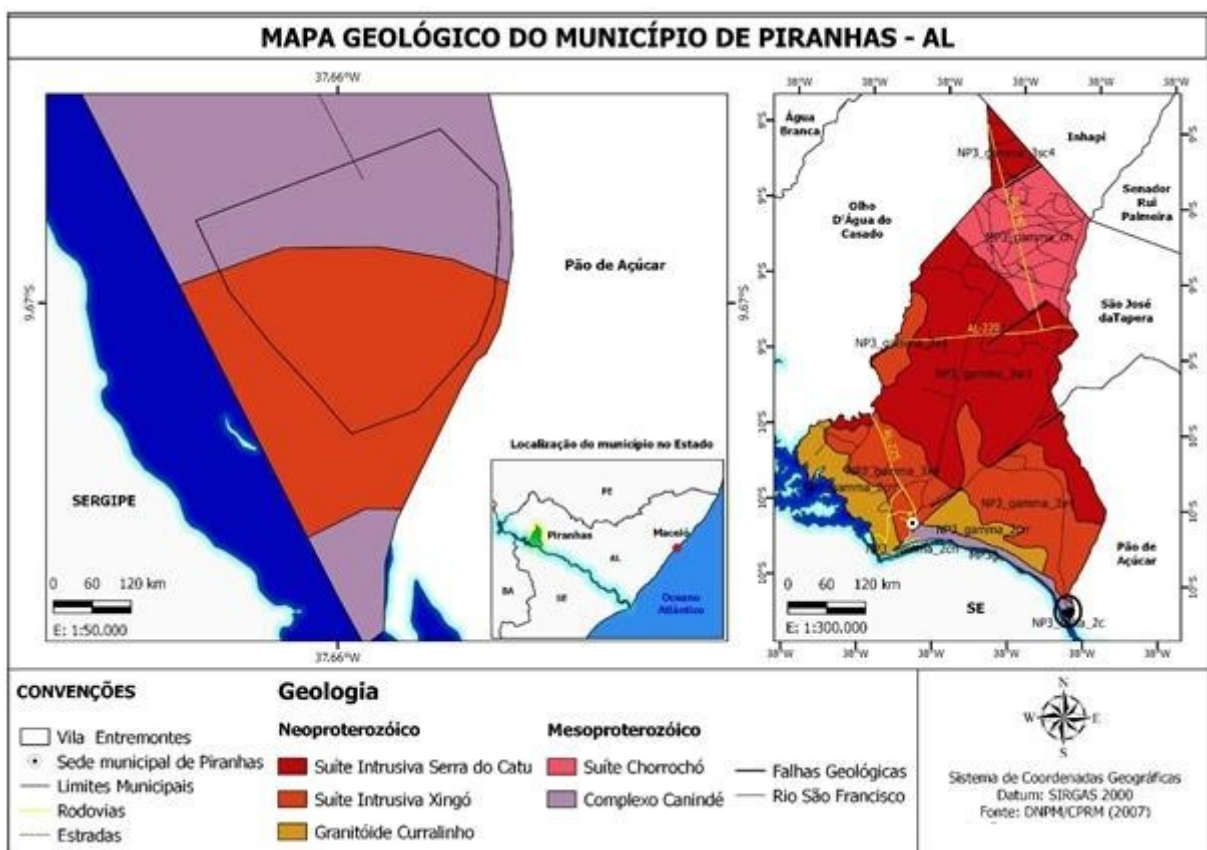
¹Sobre Entremontes é possível observar quanto a sua denominação divergem para os moradores e instituição pública. Distrito Para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). Para os pescadores, Vila, e para a população em geral, Povoada.

Arcabouço Geológico

O município de Piranhas encontra-se geologicamente inserido na Província Borborema, formado por rochas do embasamento gnáissico-magmático, que datam do período Arqueano ao Paleoproterozóico, apresentando metamorfismo resultante de eventos tectônicos durante o Meso e Neoproterozóico (CPRM, 2005).

De acordo com informações disponibilizadas pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM, 2007), o município piranhense apresenta 05 unidades litoestratigráficas (figura 2), representadas pelos litótipos Complexo Canindé, Suíte Chorrochó (Mesoproterozóico), Suíte Intrusiva Serra do Catu, Suíte Intrusiva Xingó e Granitóide Curralinho (Neoproterozóico).

Figura 2. Mapa Geológico do município de Piranhas – AL.



Fonte: CPRM (2007). **Org.** PAZ, A. P. (2022)

A área de estudo compreendida pela Vila de Entremontes apresenta litótipos do Complexo Canindé e da Suíte intrusiva Xingó (figura 8). De acordo com o CPRM (2005), ambas as unidades afloram nos extremos SE e SW do município de Piranhas, o Complexo

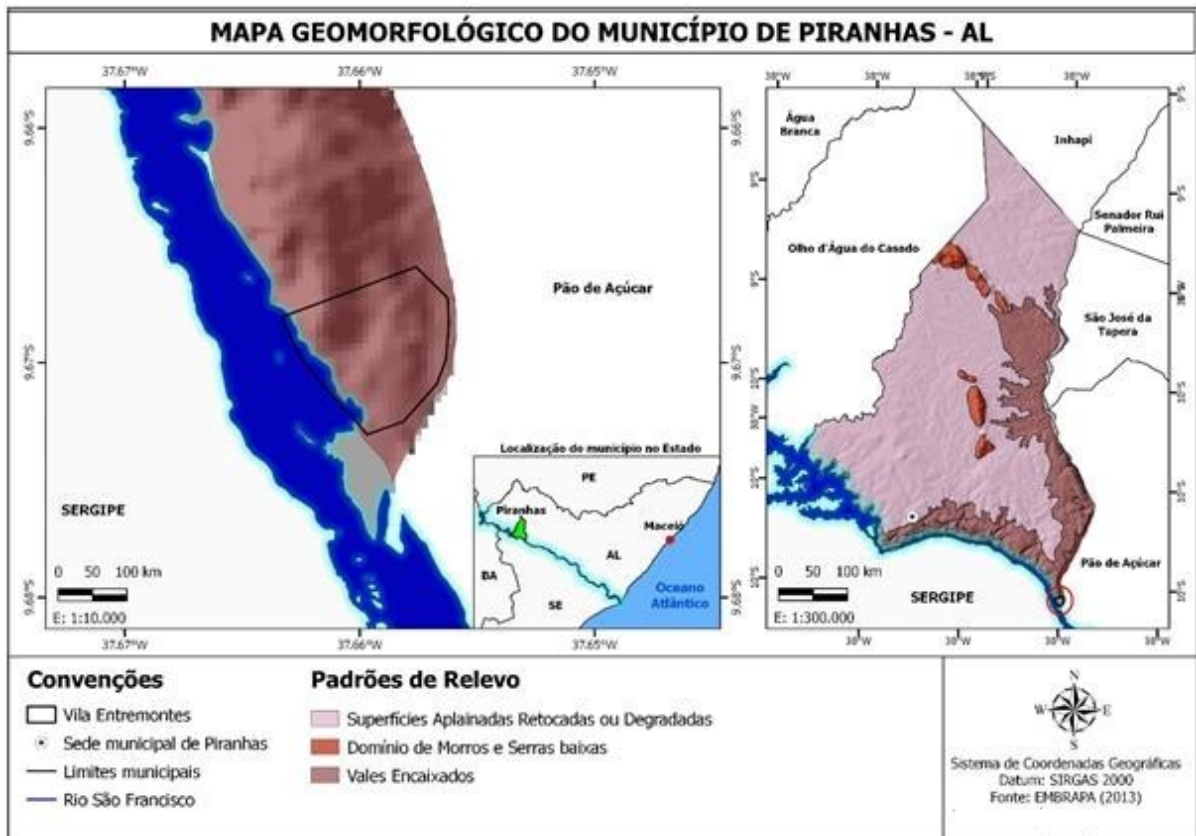
Canindé é constituído por metarritmitos, metavulcânicas, metatufos e mármore (p.4), e a Suíte Intrusiva Xingó é constituída por leucogranitos e granodioritos.

Geomorfologia

De acordo com o Serviço Geológico do Brasil (CPRM, 2005), uma parte do município de Piranhas está inserida em duas unidades geoambientais: depressão Sertaneja (65%) e Planalto da Borborema (35%). A primeira é caracterizada por superfícies de pediplanação que seguem um mesmo padrão de relevo suavemente ondulado, cortados por vales estreitos e vertentes dissecadas. A segunda é caracterizada pelas elevações residuais como os maciços e outeiros altos, apresentando relevo movimentado, vales profundos e estreitos (CPRM, 2005).

De acordo com informações disponibilizadas pela Embrapa (2013), foi possível identificar 03 unidades geomorfológicas no município piranhense: superfícies aplainadas retocadas ou degradadas, domínio de morros e serras baixas e vales encaixados (figura 3).

Figura 3. Geomorfologia do município de Piranhas – AL.

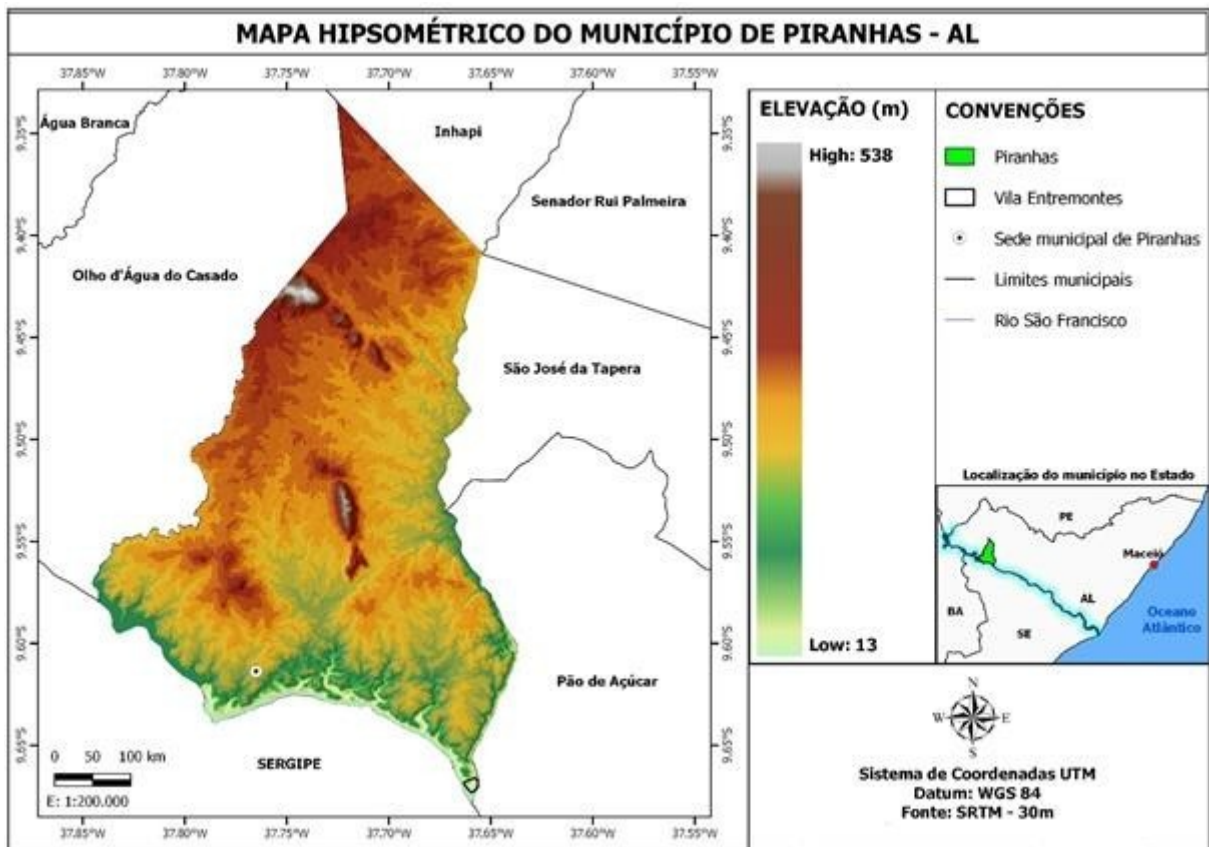


Fonte: EMBRAPA (2013) Org. PAZ, A. P. (2022)

Hipsometria

O povoado Entremontes está inserido em uma região de vales encaixados, com padrões que variam entre estreitos e profundos, apresentando elevações que variam entre 13m a 220m de altitude (figura 4).

Figura 4. Hipsometria do município de Piranhas - AL



Fonte: SRTM – 30m (COPERNICUS, 2022) Org. PAZ, A. P. (2022)

Aspectos Pedológicos

Com base nas informações disponibilizadas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2013), no município alagoano de Piranhas, pode-se observar

O conhecimento da hidrografia de uma região é importante, pois auxilia os estudos geomorfológicos quando se pretende legitimar as estruturas do relevo a partir do reconhecimento do fluxo de água transcorrente nas encostas (CORRÊA, 1997).

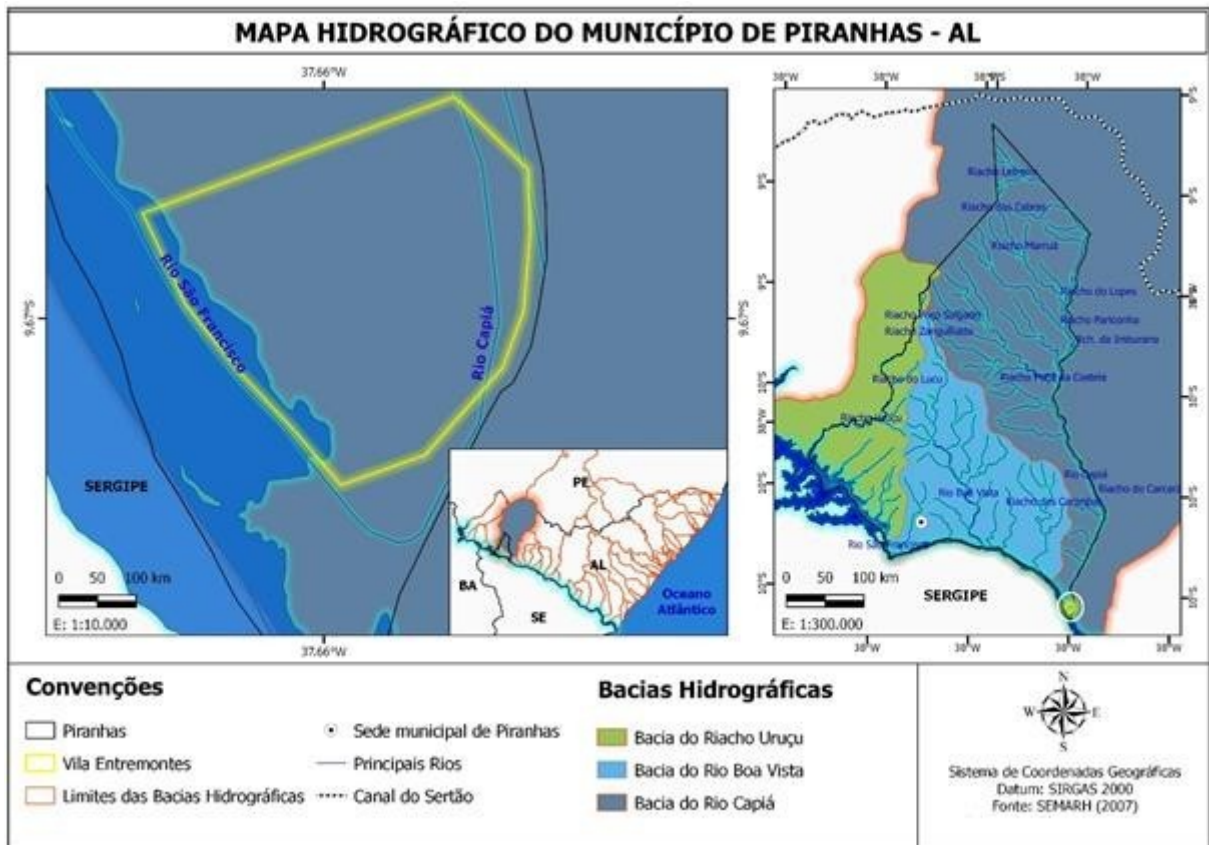
Os estudos hidrográficos ajudam a entender as modificações ocorridas no relevo e eventualmente às transformações na paisagem. De acordo com Melo (2014), o escoamento superficial pelas vertentes ou leito de rios, é responsável pela erosão e transporte de sedimentos remobilizados das encostas.

De modo geral, o semiárido brasileiro apresenta um regime de chuvas esporádico e elevadas taxas de evapotranspiração, fato que influencia diretamente o regime hidrológico da região, isso é justificável pela quantidade de rios intermitentes existente na região que desaparecem nos períodos de estiagem.

De acordo com Monte-mor (2012), o semiárido apresenta dois regimes hidrológicos: o temporário e o efêmero. O primeiro apresenta maior fluxo de água durante um maior período de tempo, enquanto o segundo só apresenta fluxo de água se houver muita precipitação e permanece durante pouco tempo.

De acordo com as informações disponibilizadas pela Secretaria do Estado do Meio Ambiente de Recursos Hídricos de Alagoas (SEMARH, 2007), o município de Piranhas é banhado pelas bacias hidrográficas do riacho Uruçu, rio Boa Vista e rio Capiá (figura 6).

Figura 6. Rede de drenagem do município de Piranhas – AL.



Fonte: SEMARH (2007) **Org.** PAZ, A. P. (2022)

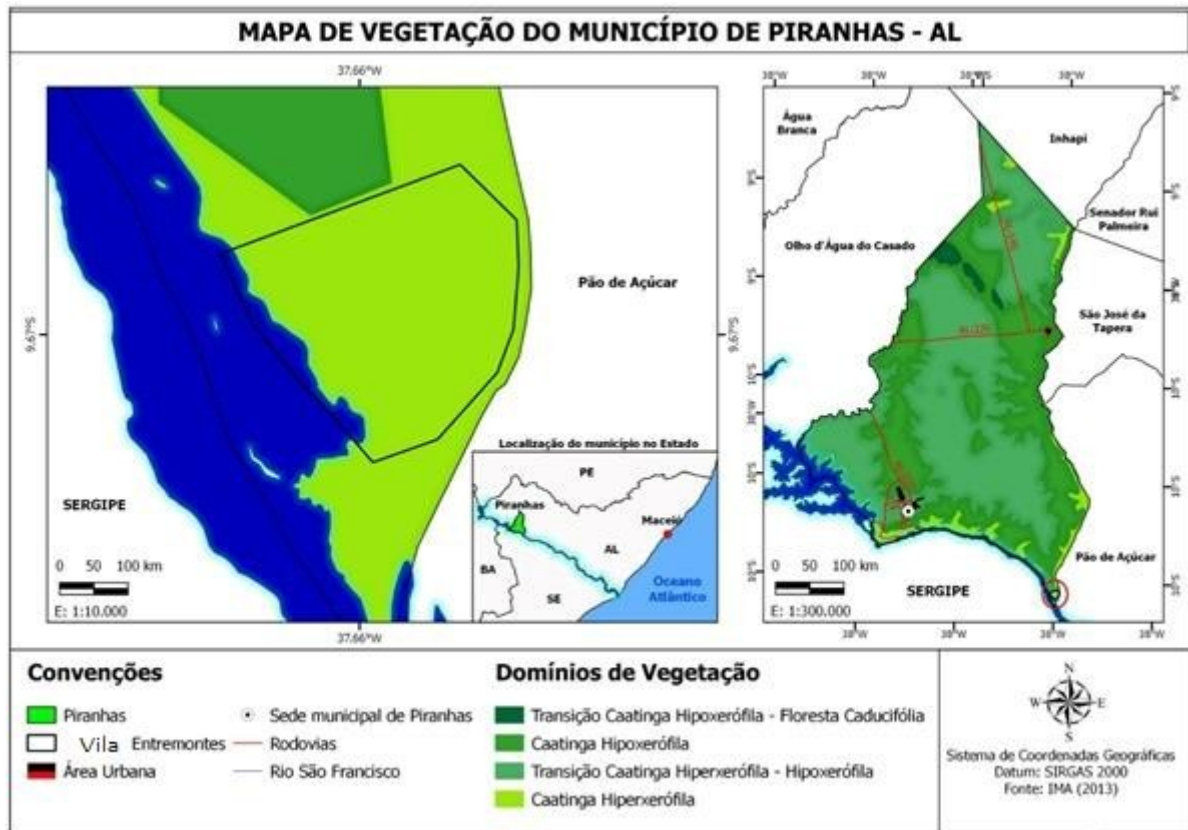
De acordo com o Serviço Geológico do Brasil (CPRM, 2005), o padrão de drenagem predominante no município piranhense é o pinado, que é uma variação do padrão dendrítico. Os principais afluentes são o riacho Uruçu, riacho Poço Salgado, riacho das Cabras, rio Boa Vista, riacho das Cacimbas, rio Capiá, entre outros.

Vegetação

De acordo com o Serviço Geológico do Brasil (CPRM, 2005), a vegetação predominante no município alagoano de Piranhas é a Caatinga Hiperxerófila, com alguns trechos apresentando Floresta Caducifólia.

Segundo informações disponibilizadas pelo Instituto do Meio Ambiente de Alagoas (IMA, 2013), Piranhas apresenta ainda, além de caatinga hiperxerófila e floresta caducifólia, trechos de caatinga hipoxerófila e áreas de transições entre caatinga hiperxerófila e hipoxerófila, e entre caatinga hipoxerófila e floresta caducifólia (figura 7).

Figura 7. Vegetação do município de Piranhas – AL.



Fonte: IMA (2013) Org. PAZ, A. P. (2022)

CAPITULO 1–ALGUNS APOSTES SOBRE ETNIA, GEOMORFOLOGIA E ETNOGEOMORFOLOGIA

Etnia

Com base na observação de determinados comportamentos, podemos analisar o modo de conhecimento e, assim, ver o relacionamento étnico e com a natureza, exposto em determinada cultura, resultando em trocas de energias ópticas e abióticas, exemplificando as energias bióticas são válidas de todos os seres vivos que existem em um determinado local a exemplo de seres produtores como as plantas. Seres consumidores a exemplo carnívoros e os seres decompositores: fungos e bactérias como fatores abióticos são as energias térmicas como o calor. A luz como energia de luminosa e as nutritivas derivadas das substâncias químicas e físicas, geológicas do ambiente. Para Carvalho e Macedo (2018, p.4) “esse modelo de cultura rústica, a monocultura e a pecuária foram se constituindo como base da produção que abastecia tanto os empreendimentos coloniais como os povoados ao longo da história brasileira” os mesmos autores afirmam que “as populações que se encontravam à margem dos núcleos econômicos dominantes refugiaram-se em espaços periféricos e mais isolados, com abundância de recursos naturais, permitindo sua sobrevivência e reprodução social”.

Outro aspecto que podemos observar e embasar que estas afirmações são relacionadas a povos tradicionais ou étnicos, e a sua associação com o lugar, como afirma Ribeiro (2012, p.40):

O prefixo *etno* faz referência aos aspectos e conhecimentos específicos de povos ou etnias, ou seja, aos conhecimentos de grupos de indivíduos que compartilham uma cultura. Assim, os estudos etnográficos são aqueles que procuram compreender como comunidades com cultura própria se inter-relacionam com plantas, animais e com o próprio lugar ou território em que se encontram, ou seja, os conceitos e saberes desenvolvidos por uma cultura”

Estes povos tradicionais têm uma realidade muito particular dos saberes culturais passados dos seus ancestrais até os dias de hoje. Por isso, afirma Lopes (2017, p.17):

No estudo da relação homem e meio sob a perspectiva geográfica aqui proposta, a discussão sobre o papel da cultura nas comunidades tradicionais é essencial. Ao buscar identificar a visão etnogeomorfológica das comunidades de pescadores artesanais, faz-se necessário discutir esse conceito, porque é através da cultura, permeada nas experiências vividas com o lugar e com a natureza, que se consolidou ao longo do tempo todo o conhecimento local desses grupos.

As comunidades de pescadores e as representações simbólicas de si mesmo são resultados de experiências vividas, de importância basililar a sua existência social e

econômica. Estes povos originários evidenciam símbolos e funções através dos seus equipamentos e atividades.

Estes grupos étnicos são plurais e riquíssimos nas suas imputações, revelando que os mesmos povos a exemplos dos pescadores, dependendo da sua realidade, localização, lugar e cultura, revelam as particularidades e práticas divergentes. Assim, assevera Andressa e João (2018, p.2):

O Brasil é amplamente reconhecido pela riqueza e diversidade natural e étnico-cultural de seu povo, que também pode ser representada pelas diversas comunidades tradicionais, com seus modos de vida diferenciados. Entre as principais, destacamos: povos indígenas, remanescentes de quilombos, pescadores artesanais, ribeirinhos, quebradeiras de coco, caiçaras e inúmeros outros.

Os grupos étnicos relacionados no Brasil são de diversos tipos na sociedade vigente. Dentro desta terminologia, podemos citar como descrito acima: indígenas, quilombolas, pescadores, quebradeiras de coco e outros. Contudo, a etnia não é fixa, pois a mesma pode ser moldada compondo outros aspectos diversos aos seus grupos de origem.

Assevera Lopes (2017, p.17):

Ao longo da história o ser humano imprimiu suas marcas sobre o ambiente a fim de modificá-lo para atender as suas necessidades. No entanto, isso não ocorreu de forma idêntica, pois em cada porção da Terra existem sociedades com padrões culturais bem distintos que regem sua estrutura social, de modo que cada grupo percebe e age de maneira singular sobre o meio natural, pautado em sua própria visão de mundo.

Geomorfologia

De origem grega, a palavra *geologia* se originou da junção dos termos *geo*, “terra” e *logos* “estudo”. A ciência da terra ou geociência, como também é conhecida esta área do conhecimento, se refere ao estudo da estrutura do planeta terra como um todo. Os processos morfológicos resultantes na formação da sua estrutura ao longo dos tempos são os recursos naturais disponíveis para a nossa sobrevivência e consumo da sociedade contemporânea, a exemplo dos recursos minerais como água, alimentos e energia de diversas matrizes. As atividades e serviços obtidos através destes recursos são muitos importantes para a sociedade como um todo, como exemplo as construções de barragem, estradas e edifícios. Para melhor compreender, destacamos *Geologia Para Sociedade*²(2015, p.2)

²Este documento foi elaborado pela Geological Society of London, juntamente com a Federação Europeia de Geólogos e a Associação Portuguesa de Geólogos. Disponível em: www.apgeologos.pt

Suporta o fornecimento da maioria dos **recursos** dos quais a população e a indústria da Europa dependem, incluindo **recursos energéticos e minerais, água e alimentos**. Um vasto leque de serviços vitais depende da Geologia, incluindo a gestão dos **resíduos** que produzimos, a engenharia civil para a construção de **edifícios, estradas, barragens, túneis** e outros projetos de infraestruturas de grande dimensão, e a remediação de uma multiplicidade de problemas ambientais, incluindo a **contaminação industrial dos solos**.

É de se observar que estudos bem feitos por técnicos das diversas áreas do conhecimento para a visão da geomorfologia e até mesmo a junção de especialistas das várias ciências são necessários para obter outorgas para construções, e até mesmo inviabilizar grandes projetos resultantes dos recursos naturais. Geologia Para Sociedade (2015, p.2) assevera que “O trabalho de compreensão dos desastres naturais e riscos elaborado pelos geólogos é essencial para a prevenção e mitigação dos seus efeitos” e mais:

A garantia de água potável e acessível e o fornecimento de vários **serviços de ecossistemas** requerem não só a compreensão dos fundamentos da Geologia como também das suas múltiplas interações com os processos que ocorrem à superfície da Terra (Geologia Para Sociedade, 2015, p.2).

As atribuições que ficam evidentes para setores econômicos, políticos, sociais e ambientais são os recursos naturais caracterizados através dos estudos da formação do planeta Terra; elas demonstram a necessidade de se realizar um cuidado com o meio, determinando que se preserve para a atual e as futuras gerações, saberes ambientais.

Etnogeomorfologia

O conhecimento de um povo sobre seu lugar geográfico característico é mais que uma análise de um mundo fechado, porém focalizado num objeto de estudo próprio, de estar como exemplificação para outros olhares. O povo ribeirinho do Baixo São Francisco conhece bem seu lugar e suas percepções geomorfológicas. Dessa maneira, o entendimento sobre a geomorfologia pode não ser instrumentalizado e conceitual, mas é construído na mente de cada morador que vive há anos na região. Isso é fato. O conhecimento do pescador e da lavadeira de roupa do rio São Francisco advém do cotidiano, da experiência adquirida desde criança. É por esse fator que a Etnogeomorfologia se debruça sobre o olhar do homem que conhece seu lugar, onde vive suas impressões e culturas ali construídas. Nada melhor que contar com quem protagoniza e conhece o espaço geográfico onde mora, age e é um guia humano dele. Destarte, advogam Rodriguez e Silva (2002, p. 96):

Realmente, a análise das interações da natureza com a sociedade foi compreendida dentro do contexto da geografia e tiveram como consequência o surgimento de duas formas de analisar a configuração do planeta Terra:

uma visão voltada para a natureza (com as concepções principalmente de Humboldt, e posteriormente do sábio russo Dokuchaev), firmando as bases para a Geografia Física e a Ecológica Biológica, e uma visão centrada no homem e na sociedade, que foi a concepção da Geografia Humana ou a Antropogeografia de Karl Ritter.

Assim, diante do entendimento de um povo sobre a geomorfologia de onde vive, onde são protagonistas da cultura local, de suas tradições, é que constroem todo um panorama do lugar onde vivem e sobrevive, a Etnogeomorfologia pode ser definida coerentemente como:

Uma ciência híbrida que estuda o conhecimento que uma comunidade tem acerca dos processos geomorfológicos, levando em consideração os saberes sobre a natureza e os valores da cultura e da tradição locais, sendo a base antropológica da utilização das formas de relevo por dada cultura (RIBEIRO, 2012, p. 49).

O local geográfico está sujeito a ações humanas. Isso é fato. A idéia de construir um ambiente neutro antropologicamente ainda foge da realidade, embora esteja como objeto de estudo para pesquisadores. Saber que o homem age sobre a natureza e faz parte dela é compreender que a natureza se toca. E, nesse toque, se beneficia ou se destrói. Ao fazer uma relação entre natureza e interação social é possível denotar que cada um desses sujeitos carrega seu protagonismo, uma vez que juntos e em harmonia podem agir um sobre o outro, o homem sobre a natureza e a natureza sobre o homem. Portanto, numa sistematização geográfica, o mundo é interativo, podendo o elemento humano estar em consonância sobre o natural. É nesse sentido que assevera Capra (1982, p. 260):

A concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e de integração. Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às unidades menores. Em vez de concentrar nos elementos ou substâncias básicas, a abordagem sistêmica são princípios de organização.

A observação da Etnogeomorfologia é debruçada sobre o olhar (percepção) do homem local sobre o relevo onde habita, bem como sua cultura e saberes daquela natureza. Mas precisamente é importante compreender a postura do homem que habita uma região determinada para que se possa levar em pauta a dinâmica humana sobre os fatores de criação de saberes sobre novos tempos de estudo e percepções locais. Atravessando o conhecimento instrumentalizado e consciente da geomorfologia, os movimentos sistêmicos ambientais centralizam um estudo particular em suas especialidades. Isoladamente, esse estudo pode não render, uma vez que maior significância se denota de uma análise aberta a variáveis que esclarecem fenômenos conclusivos e coerentes com a temática. Assim, afirma Christofolletti (1999, p. 35):

Os sistemas ambientais representam entidades organizadas na superfície terrestre, de modo que a espacialidade se torna uma das suas características inerentes. A organização desses sistemas vincula-se com a estruturação e

funcionamento de (e entre) seus elementos, assim como resulta da dinâmica evolutiva.

Uma discussão plena sobre o homem ribeirinho e seu protagonismo no Baixo São Francisco não é mais que uma análise do objeto humano sociocultural diante de um estudo geomorfológico. Valorizar o conhecimento desse povo diante das vertentes de estudos geográficos significa contar com quem não só observa o ambiente, mas quem o vive. Portanto, fazer do estudo da atividade social sobre a geomorfologia local é debruçar-se sobre a Etnogeomorfologia significativa e abrangente de um povo e de seu lugar habitável. Assim, comenta Coelho (2001, p. 27):

A intercessão entre os processos físico-químicos, político-econômicos e socioculturais dá origem à estrutura socioespacial que expressa, conseqüentemente, a maneira como as classes sociais e a economia se estruturam e desestruturam no espaço em face de uma intervenção externa.

É com essa perspectiva que vale asseverar o caráter significativo da Etnogeomorfologia. Segundo Lopes (2017, p.7), esta ciência é “que busca compreender os conhecimentos locais de comunidades tradicionais, acerca de formas e processos morfoesculturadores do relevo”. Mais purista, voltada para o homem e sua cultura local, bem como seu conhecimento do ambiente onde vive, é importante frisar que o povo ribeirinho é uma parte interativa daquela paisagem e relevo. O mundo natural se dissolve em outros mundos, como o cultural e o biológico. A sobrevivência divide espaço com um conhecimento contínuo do relevo, da localização e do espaço. A ideia geomorfológica se constrói no decorrer dos anos cotidianamente. E isso é significativo. Nesse contexto, advoga Escobar (2005),

Há uma crescente produção de pesquisas e trabalhos que demonstram que comunidades locais “constroem a natureza de formas impressionantemente diferentes das formas modernas dominantes: eles designam, e, portanto, utilizam os ambientes naturais de maneiras muito particulares”, onde utilizam “uma quantidade de prática–significativamente diferente– de pensar, relacionar-se, construir e experimentar o biológico e o natural.

Destarte, a criação de um estudo de natureza Etnogeomorfológica é significativa para uma lapidação do olhar geográfico diante dos espaços terrestres, bem como a cultura e o conhecimento geomorfológico do povo que nele mora. O homem, seu lugar, seu conhecimento do lugar e sua cultura são vieses capazes de levar a entender o ponto significativo do olhar humano sobre o natural. Portanto: “Essa relação é claramente percebida por essas comunidades locais, as quais conseguem descrever uma série de processos” (RIBEIRO, LOPES, 2016, P.1).

Como uma ilustração das culturas tradicionais, é natural a necessidade de representatividade dos povos tradicionais no meio acadêmico, esses povos tiveram e têm suas

falas negligenciadas por um sistema opressor que ainda hoje vigora e está, a cada dia mais marcante. Assim sendo, a “Etnogeomorfologia como um novo campo de investigação traz uma proposta muito desafiadora diante do que vem sendo trabalhado na geomorfologia, através da busca dos conhecimentos tradicionais”. Assim, esta real situação pode trazer consigo uma aceitação por parte dos povos tradicionais em serem protagonistas de uma nova abordagem que serve de representatividade a toda uma classe cultural de determinados povos, sendo que existem muitas originalidades a exemplo dos pescadores, e em muitas destas, não são representadas. Este trabalho traz à luz esta perspectiva.

São dessas perspectivas que lucram outras áreas de investigação científica. É assim que coerentemente deve ser a atividade Etnogeomorfológica, desde o primeiro contato com o homem e seu local de vivência, ouvindo este e buscando conclusões possíveis dos relatos.

Lopes (2017, p.15) ressalta que “A Etnogeomorfologia como um novo campo de investigação, busca fazer a análise da relação entre homem e relevo, a partir de outra visão, que considera as inter-relações entre grupos sociais e os ambientes físico-naturais que habitam”. Nesta perspectiva, este estudo norteia a idéia de pesquisar sobre a ação antrópica para a interação ambiental, a mesma traz em sua obra outro ponto relevante que “a Etnogeomorfologia tenta estabelecer um diálogo entre os conhecimentos acadêmicos e os locais, acerca das formas de relevo e dos processos geomórficos de caráter genético e dinâmico” (Lopes, 2017, p.15). Com base nesta fala que antecede, é notório que ainda exista uma lacuna nesta área do conhecimento que precisa ser preenchida e deve provocar mais estudos acerca da mesma.

Acreditamos que a relevância deste trabalho inicia-se na transcendência dos limites da investigação geomorfológica de rigor puramente técnico, a qual é indubitavelmente necessária; para uma investigação sob a perspectiva cultural de grupos tradicionais específicos, que possuem estreita relação com as formas e processos morfoesculturadores, e que se utilizam desse conhecimento para se apropriar da natureza e desenvolver suas atividades produtivas” (LOPES, 2017, p.15).

Deste modo, a não abordagem de temáticas a exemplo da Etnogeomorfologia representa a não valorização dos saberes de povos de comunidades tradicionais e étnicas. Todavia, mesmo que de pouca representatividade dos conhecimentos científicos através da temática da Etnogeomorfologia a abordagem de povos tradicionais e étnicos, sejam eles quilombolas, indígenas ou pescadores, produz questionamentos e sugestões para futuras pesquisas. Sendo assim, Lopes e Ribeiro (2016, p. 2) afirmam que “em sua evolução científica, a geomorfologia tem inserido, ao longo do tempo, o papel da

sociedade na modelagem e dinâmica geomorfológica, ultrapassando as barreiras de uma análise puramente naturista”, assim:

No entanto, as análises em sua maioria têm sido direcionadas às modificações antrópicas e seus impactos sobre os processos geomorfológicos. Estudos sobre os conhecimentos tradicionais (ou seja, pautados na cultura local) sobre formas e processos geomorfológicos e a utilização desse conhecimento no manejo geomorfológico, geralmente não têm sido observado. A escassez desse tipo de análise ocasiona não raramente, resultados negativos no manejo de formas e processos geomorfológicos (Lopes e Ribeiro, 2016, p. 2).

Nota-se que uma busca constante se faz e é necessário para podemos compreender, mesmo que minimamente, as interações que deram certo em determinadas comunidades tradicionais de convivência ambiental ou menos prejudicial ao meio ambiente, e os pescadores que são povos tradicionais e através do conhecimento sobre a geomorfologia (formas) da região e que habitam, bem como utilizá-la como ferramenta de sobrevivência e de desenvolvimento social e cultural a seu favor.

CAPITULO 2–DISCUSSÕES E ASPECTOS GEOGRAFICOS DA COMUNIDADE ENTREMONTES

Mapeamento Geomorfológico

Mapeamento Geomorfológico é utilizado como importante instrumento, se não o principal, para reconhecimento de combate ao desmatamento ambiental. O mapeamento geomorfológico é também aplicado como forma de conhecimento, detalhamento dentre outras, e sendo uma importante ferramenta para tomada de decisões frente a políticas e programas ambientais. Burgos (2009, p.11) certifica que “a questão ligada ao ambiente tem tomado crescentes proporções, visto que, em situação de desequilíbrio, o mesmo acarreta consequências no meio físico, interferindo, desse modo, no espaço que o homem ocupa.” Ainda, “diante do entendimento da dinâmica do relevo, a sociedade pode organizar o espaço onde vive de forma adequada, promovendo um planejamento territorial de qualidade” (BURGOS, 2009, p.11). Assim também.

A opção do cenário para a realização do presente trabalho se fez devido à expressiva variação do modelado do relevo previamente consultado na carta topográfica da região e em imagens de satélite, despertando assim o gozo para a aplicação de metodologias e técnicas referentes à cartografia geomorfológica, a fim de obter o entendimento da formação e da interação atual dos fatores constituintes do relevo e do ambiente em questão (BURGOS, 2009, p.12).

Destarte acima descrito, há uma pauta a ser discutida visando possíveis análises a serem feitas para cada mapeamento e suas categorizações, visando dentre outros aspectos ao homem frente às suas interações na paisagem, e no que tudo pese sobre os resultados às ações antrópicas.

Em muitos momentos da vivência no cotidiano, nodia a diadas atividades escolares através das gravuras dos rios e montanhas fica evidente que existe uma abordagem imprensa através das imagens a nós imputadas, demanda em quadros, em livros, cartas e revistas a ciência cartográfica se faz presente. Demonstrando esta realidade, Conti (2021, p.2) afirma que:

A contemplação das feições elevadas de relevo possui seu lugar próprio e bastante conhecido nas concepções estéticas da paisagem no ocidente. Podemos, por exemplo, seguir a historiografia que nos conta sobre a aparição da montanha como objeto paisagístico na pintura e sua relação com o surgimento de categorias estéticas.

Nesse contexto específico da pesquisa sobre a cartografia Conti (2021, p.3) discorre que:

Ao abordar a paisagem a partir desse entendimento, ou seja, como representação, percebemos as formas naturais por meio de concepções culturais, isto é, consideramos que elas reúnem valores e significados da sociedade. Diante desta abordagem, Bese identifica desafios a serem vencidos, relacionados à necessidade de se criar as novas linguagens por meio das quais poderíamos ler e apreciar os objetos paisagísticos

Conforme demonstra Santos (2020, p. 43), “Em outras palavras, o processo cartográfico, aparte da obtenção de dados necessários, abrange uma variedade de aspecto como o estudo, análise, composição e interpretação de observações, e de fatos, fenômenos e dados pertinentes a diversos campos científicos relacionado ao planeta Terra”. Nesta base, Conti (2021, p.3) assevera que a cartografia

Identifica desafios a serem vencidos relacionados à necessidade de se criar as novas linguagens por meio das quais poderíamos ler e apreciar os objetos paisagísticos que, na nossa contemporaneidade, se tornam incompatíveis a categorias estéticas estabelecidas.

Esta ciência, a ciência cartográfica, demonstra novas propostas para serem trilhadas, propostas estas que devem ser alinhadas à realidade de cada lugar terrestre, da mesma forma

deve se respeitar as particularidades; e só assim serão possíveis trabalhos científicos mais fiéis a um contexto geográfico da superfície terrestre. Assim, assevera Maximiano (2004, p.83) que

Na Geografia ocidental contemporânea paisagem é entendida como produto visual de interações entre elementos naturais e sociais que, por ocupar um espaço, pode ser cartografada em escala macro ou de detalhe, e classificada de acordo com um método ou elemento que a compõe.

Geoprocessamento

Para melhor compreender, as informações geográficas relacionadas a questões ambientais eram realizadas a partir de muitos estudos detalhados, trabalhosos para diversas áreas, a exemplo da hidrografia, solos, dentre outras. Com o advento das novas técnicas de geoprocessamento, os dados espaciais através dos processos resultam em informações espaciais, estas junções são, de fato, denominadas geoprocessamento. Destarte Silva, Monteiro, Pamboukian(2016, p.1), asseveram que “o Geoprocessamento consiste na utilização de técnicas computacionais e matemáticas para obter e analisar informações espaciais.” E mais, “Através dessas técnicas, os dados de diversos formatos e fontes são relacionados com o objetivo de gerar algum ganho de informação sobre determinado assunto”

Cordovez(2002, p.1) atenta que “no estágio atual das tecnologias e na busca da modernização administrativa, a utilidade do geoprocessamento como ferramenta fundamental na gestão pública não pode mais ser contestada”. Esta ferramenta nominada de geoprocessamento resulta nas informações recolhidas em trabalhos de ordem diversas. Deste modo, Silva, Monteiro, Pamboukion (2016, p.2) discorrem: “as geotecnologias possuem grande aplicação em diversos tipos de estudos que envolvem localização geográfica, por exemplo: em Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), na prevenção de desastres naturais, no mapeamento de áreas”.

A discussão é ampla sobre técnicas, e estas responderam de forma mais fiel a sua realidade e o mesmo transforma as informações em informações geográficas para melhor decidir rumos nas vertentes ecológicas e sociais para os municípios a quem dela detém as técnicas ao seu favor. Desse modo, afirma Cordovez (2002, p.19):

Um poucas prefeituras do Brasil, como Belo Horizonte, Goiânia ou Curitiba, só para citar exemplos, embarcaram no GEO há mais de uma década e, como pioneiros na aventura, tentaram, erraram e aprenderam muito. Hoje, embora o processo de implantação continue, essas cidades já podem ser consideradas exemplos de sucesso no uso do geoprocessamento para ajudar na organização territorial, na criação e manutenção de

informações e no diagnóstico e solução dos mais diversos problemas enfrentados pela gestão municipal.

De toda maneira, os aproveitamentos do geoprocessamento nas atividades científicas estão para a própria tecnologia como uma oportunidade de gestão. Neste sentido, o trabalho de campo realizado através dos levantamentos serve para as estruturas públicas melhor organizarem seus projetos, pois as cidades devem ter isso como premissa para diagnósticos mais precisos nas diversas vertentes. Entretanto, falta muito no interior do estado de Alagoas como em todo o seu território.

Paisagem

A atividade da dinâmica social do homem sobre o espaço geográfico sempre deixa claro que a característica paisagística de uma localidade é influenciada e aglomerada por ações dos indivíduos que daquele espaço se apropriam e se beneficiam. A ideia de paisagem na contemporaneidade denota toda uma evolução sobre o espaço geográfico, sobre a localidade. No caso de uma região típica dos povos que têm sua renda oriunda da pesca artesanal, como a ribeirinha, essa realidade não foge ao comum de outros povos que têm a sua paisagem com ligação do homem com a natureza a exemplo dos povos indígenas e quilombolas.

Os estudos geográficos que falam da paisagem e do relevo em uma junção com a movimentação da sociedade diversificam o conceito de paisagem, que hodiernamente já se estende. Portanto, o dicionário Aurélio conceitua paisagem como: “Paisagem –sf. 1. Espaço de terreno que se abrange num lance de vista. 2. Pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem. [Pl. –gens]” (FERREIRA, 2008, p.603). Coerentemente, a dinâmica social do povo ribeirinho ratifica um caráter paisagístico próprio daquela localidade, o relevo da região. Consoante afirmam Chantal e Raison (1986, p.138),

Paisagem, palavra de uso quotidiano, que cada pessoa utiliza a seu modo; o que não impediu de se tornar um vocábulo à moda. Paisagem, uma destas noções utilizadas por um número sempre crescente de disciplinas, que muitas vezes ainda se ignoram. Paisagem, enfim, um dos temas clássicos da investigação geográfica. Conforme o interesse do que é objeto ou uma maneira como se encara a própria noção de paisagem difere. Se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado de seus trabalhos e a maneira de conduzi-los serão diferentes, segundo o ângulo de visão de cada um dos que a examinam.

A compreensão de uma realidade geográfica posta a um nível característico estabelecido se refere não isoladamente às suas composições e atividades. A natureza,

hodiernamente, não é mais metáfora árcade. Ela tornou-se ferramenta de subsistência e finalidades vinculadas aos interesses da sociedade moderna. Porém, essa antiga fonte de benefícios foi moldada pelo próprio homem para servi-lo quando lhe for preciso. Trata-se de um leque de finalidades. Agir sobre o ambiente natural tornou-se uma necessidade humana, mas não somente alimentícia e turística. No entanto, lembramos também que essa experiência da paisagem se coloca diante da vida praticada pelo humano que também intervém modificando a superfície da Terra, ou seja, ela acontece como relação do homem com a materialidade terrestre. O homem busca na natureza impor sua ação e agir sobre ela, sobre seu relevo, sobre sua geomorfologia.

Nesse sentido, “o aparecimento da paisagem foi acompanhado de uma revolução científica e técnica que libertou a natureza do concurso divino tornando-a objeto de conhecimento e abrindo caminho à sua manipulação e transformação com diversos fins” (SALGUEIRO, 2001, p. 39). E nesse mesmo sentido, “o estudo das formas de relevo e seus processos formadores buscam uma melhor organização do uso e do manejo da paisagem pelas sociedades humanas” (RIBEIRO et al., 2012, p. 41). Assim sendo, Conti (2021, p.2) assevera que:

Uma vez que tanto a paisagem como a sensibilidade estética a essas formações oferecem possibilidades diversas, a postura adotada foi a de buscar identificar e analisar distinções entre algumas abordagens, entendendo que elas não apenas abrem caminhos interpretativos, mas apontam para resultados diferentes diante da realidade e da forma como praticamos o espaço.

Conforme afirma Ribeiro (2012, p.53), “ao longo da história da Geografia, o termo Paisagem foi utilizado de formas diferentes, ora voltado para elementos puramente físicos do espaço, ora para os culturais, ou ainda para a relação entre esses dois”.E ainda afirma que “o estudo das paisagens sempre fez parte do temário geográfico, mesmo antes deste ramo do conhecimento se tornar uma ciência, na Modernidade.” Ressaltando ainda que “para ele, a paisagem seria resultante de uma interação complexa entre elementos naturais e humanos.” (RIBEIRO 2012, p. 53). Podemos citar também o autor Maximiano(2004,p.1) que compartilha deste pensamento, pontuando que:

Iniciam estudos mais sistemáticos que levariam à compreensão de paisagem como resultante de um complexo de interações entre elementos naturais e humanos. Contudo, ainda haveria discussões sobre o conceito e o método de abordagem da paisagem, passando por ênfases nos aspectos geomorfológicos, biológico ou ocupação humana de um espaço.

Na perspectiva deste trabalho, os montes e montanhas presentes na paisagem são quem dão o ar de pesquisa sobre tal realidade, na vila de Entremontes. O nome da vila é bem

sugestivo para destacar a presença do mesmo quando se vislumbra o seu entorno, conforme afirma Conti (2021, p.1) “montes e montanhas participam diretamente da vida nos lugares, assim como da história das concepções de paisagem.” Nesta perspectiva para se fazer uma leitura melhor desta temática, Conti (2021, p.1) afirma que:

Parte-se da preocupação de não reduzir a questão do estético ao caráter das representações mentais da natureza, que ainda se mantém atreladas a essas formações. Conclui-se pela importância de uma consciência estética como expressão de uma cumplicidade humana com as formas da Terra.

Conti (2021, p.4) destaca que “Ao abordar a paisagem enquanto experiência, somos levados a rever nossa relação com as formas existentes como dadas entre sujeito e objeto.” Nesta perspectiva, a ciência através dos seus estudos específicos do homem ou da natureza, ou mesmo do homem com a natureza, demonstra novas abordagens e caminhos para planejamentos presentes e futuros onde todos possam sair ganhando enquanto humanidade. Ainda ressalta Conti, (2021, p.6) que “É necessário reconhecer que as incongruências da relação moderna de dominação da natureza, como externa à existência dos homens, e a concepção dessa natureza como um todo idealizado pelo espírito humano efetuam-se em nossa sociedade”. Para demonstrar esta possível realidade Maximiano (2004, p.2) afirma: “As expressões desta memória e da observação podem ser encontradas nas artes e nas ciências das diversas culturas, que retratavam inicialmente elementos particulares como animais selvagens, um conjunto de montanhas ou um rio”.

- RESULTADOS E ANÁLISES

Napesquisa realizada na Vila de Entremontes, foi possível observar as atividades de pescadesenvolvidas de forma artesanal e familiar pelos pescadores, que se assemelha com os pescadores do norte baiano, investigados por Medeiros (2001, p.35) “a pesca no litoral norte baiano caracteriza-se pelo trabalho familiar, onde todos são envolvidos na atividade e no beneficiamento do pescado”. As atividades diárias dos pescadores da Vila de Entremontes demonstram esta realidade descrita, e assim podemos constatar os seus significados próprios através da fala de um dos pescadores:

A pesca é em família sim, né? Nós já aprendemos com nosso pai, né? O pai dele com os avós dele, hoje eu ensino meu filho, né? Embora ele tenha liberdade, a liberdade de sair para trabalhar lá fora, ou ficar e trabalhar com a gente, mas ele já sabe, né? (Sr. E. pescador. Trabalho de campo realizado em janeiro de 2019).

Em outro momento, o pescador senhor E. versa que de forma individual ou comumente com irmãos e filhos, a pesca é feita em lugares próximos ou não muito distantes. Estas ações rotineiramente são realizadas através das pescarias artesanais, a exemplo de como descreve Medeiros (2001, p.36), “os pescadores executam suas atividades individualmente ou em parceria, reunidas em duplas e equipes geralmente constituídas por parentes”.

A pescadora e bordadeira a senhora B. revela em sua fala que a mulher também é parte desta construção do cotidiano do pescador, pelo seu trabalho, a sua ajuda, o seu apoio. Esta situação demonstra que é relevante o papel da mulher no trabalho social da pesca na região, um trabalho familiar.

A utilização das muitas possibilidades do uso das águas do rio São Francisco evidencia o potencial socioeconômico do mesmo para vila de pescadores e para além de quem está às suas margens, a exemplo da produção de energia, da irrigação, da produção de lavouras, da pecuária, da distribuição de água, além de sua utilização em saneamentos básicos. “Eles garantem a água para saciar a sede dos homens e animais, para o uso doméstico, para as hortas e pomares, para transporte e navegação e para algumas dessas populações são também fonte de energia” (DIEGUES, 2007, p.3).

Esta realidade do potencial socioeconômico nem sempre é visível para a população dos pescadores, mas está ali presente e é descrita através do pescador senhor C. “o rio é fator de transporte muito importante. Nós não usamos ele que nem antes não! Olha nas segundas-feiras saiam lanchas para Pão de Açúcar com 20 a 30 pessoas duas a três vezes ao dia” (em entrevista concedida em junho de 2022) . Este transporte é uma realidade menos presente nos dias atuais devido à escassez do pescado.

A diminuição do pescado interfere em todo o ecossistema ribeirinho, seja ele no âmbito natural, social ou econômico destes pescadores. Haja vista a situação atual da bacia do São Francisco e dos ribeirinhos que dele dependem, são necessários maiores investimentos na conservação do ambiente e dessa atividade tradicional, bem como mais assistência a essas famílias que tem na pesca principal fonte de renda e sustento. (Freitas, 2012, p.3)

Afirma o pescador senhor S:

“Eu pescava todo dia e pegava de 20 a 30 quilos de peixe. Era ligeiro, hoje não! Você vai mais longe e não encontra, tem semana que passa a semana todinha e se pega 2, 3 quilos de peixe a depender de qual seja”. Outra realidade para esta comunidade é a introdução de espécies exóticas de peixes, propostas de políticas públicas que muitas das vezes nem sequer consultavam os pescadores para informar as intervenções controladas pela CODEVASF.

Afirma o pescador senhor J.

Tucunaré colocava pra acabar com ou outros! É um peixe predador que come todos os pequenos daqui, aqui já veio a proposta de viveiro, mas só foi proposta, veio um pessoal fazer uma oficina, como veio diretamente o gerente do Banco do Nordeste, veio aí, mas não veio à tona. Ela não impede outro tipo de pesca, eles vieram até escolher o local, nós fizemos a oficinas, nós criamos e não impedia de pesca. Eles têm que ser em uma água parada, pois quando coloca na água corrente leva tudo de ração. (Entrevista concedida em junho de 2022)

O arranjo que os pescadores encontram atualmente tem muito da ação antrópica que busca reconhecer uma realidade negativa e ambiental muitas vezes piorada pela ausência de apoio de instituições e autarquias públicas responsáveis por acompanhar e auxiliar as famílias que sobrevivem desse ramo. Propostas de nova abordagem de produção de peixes a exemplo das gaiolas para a produção de tilápias foram apontadas, como descreve o pescador senhor J. É fato que os mesmos pescadores evidenciam a falta de planejamento e respeito para esta categoria, tanto do poder público, quanto da própria colônia de pescadores, os mesmos ressaltam que poderiam ser mais bem organizados e conduzidos em buscar beneficiamento coletivo em prol dos associados, mas essa realidade não existe naquela vila de pescadores, segundo o pescador senhor C.

O presidente não está ligando pra isso não! Pronto era pra dar o suporte a eu mesmo, pois, mais de ano pagava e quando fui me aposentar não deu certo, tive que procurar um advogado particular e faltava um documento. Só isso. Estava negado, aí deu entrada e deu certo, aí todo ano nós paga o advogado da colônia, aí pra você ver... não tem interesse para com o pescador. (Entrevista concedida em junho de 2022).

Figura 8. Barcos Ancorados no Rio São Francisco na Vila de Entrementes, município de Piranhas - AL



Fonte:Autor (2019).

Assevera o pescador senhor E. “aqui tem uns restaurantes, aqui do outro lado do rio, né? É bom e ruim, né? “Bom porque emprega algumas pessoas daqui, mas ruim porque nós de vez em quando, encontramos plástico no rio, aí é ruim” (entrevista concedida em janeiro de 2019).Essa questão econômica é uma crescente nesta região do baixo São Francisco. O pescador senhor E. traz em sua fala uma preocupação que é real e frequente, quando se fala do cuidado com a natureza a serviço do progresso. Acompanhado a fala anterior, a pescadora senhora B afirma “Não tinha turista, era difícil aparecer aqui, ai tombaram com o IPHAN a Vila de Entremontes e a cidade de Piranhas, aí ta vindo muitos turistas, o restaurante Angico e o Eco-parque, aí vem tudo pra cá” (entrevista concedida em julho de 2022). A título de reforço, Medeiros (2001, p.46) argumenta que:

Atualmente, contudo, as atividades de pesca tradicionais e o próprio ethos do pescador do litoral norte baiano encontra-se ameaçados. Após a construção da Linha Verde, as comunidades, antes isoladas, começam a conviver com um progresso acentuado, principalmente no que se refere à edificação de hotéis, pousadas e ao estabelecimento de loteamentos e invasões.

Em relacionar saberes culturais dos pescadores em qualquer lugar que os mesmos se localizem, são notáveis seus conhecimentos encontrados através das observações cotidianas, conhecimento sobre a natureza a sua volta e aspectos que a evidenciam e são tramitadas através de gerações e gerações. Assim como os pescadores homens, existem as mulheres pescadoras, que são registradas na colônia de pescadores e possuem seus direitos assegurados

perante a lei. Elas são protagonistas na formação da renda familiar de seus lares. No que diz respeito à questão econômica e de liderança política, a senhora B. ressalta “as mulheres participam dos tratados dos peixes e de várias coisas como também do cuidado com os camarão e pitu”. E mais “A questão do bordado é muito importante pra gente e vem ganhando destaque com a padronização dos nossos produtos assim como a organização da associação das bordadeiras” (entrevista concedida em julho de 2022). A senhora pescadora B. destaca ainda que:

Aí o SEBRAE e a instituição ARTE SOL com a parceria com as pescadoras formaram a associação de casa de bordados de Entremontes em 1999, aí agente ficou mais conhecido, aí vem gente até de São Paulo. A renda é melhor na época de São João e fim de ano, mas melhorou muito, aqui em Angico e onde mataram lampião e o bando, onde fizeram um restaurante e pousada, os turistas atendem muito os pescadores também na compra dos peixes e do pitu, tanto pesque quanto vende a diferença do pitu para o peixe é o valor que o do pitu é bem maior, e dependendo da qualidade do peixe o valor é baixo (entrevista concedida em julho de 2022).

Figura 09. Casa do Bordado da Vila de Entremontes, Piranhas – AL



Fonte: Pescadora B. (2022).

As marcas são fundamentais para caracterizar e representar determinada cultura, e em especial a Vila de pescadores de Entremontes tem um bom indicador de produção daquela localidade. A produção dos pescadores está integrada também com a produção de camarão e pitu, como atesta Montenegro (2011, p. 2):

Pesca do pitu (*Macrobrachium carcinus*) chegou a constituir uma parcela muito importante da renda de pescadores localizados na região do Baixo São Francisco alagoano, especialmente no município de Piranhas, Alagoas. A

diminuição da produção nos últimos anos tem representado um problema sócio-econômico para essas comunidades, principalmente para os pescadores do distrito de Entremontes, que vivem exclusivamente da pesca.

Sendo assim, e com base nas feições relacionadas à informação do lugar onde se pesca, ressalta Medeiros em sua visão dos pescadores do estado da Bahia (2001, p.41): “de fato, as marés são os fatores ecológicos mais importantes no estuário, não só por causa de seu efeito no comportamento dos animais, mas principalmente devido ao modo como perturbam o posicionamento”. Os pescadores de Entremontes estão cientes que:

O rio tem que conhecer bem ele! A questão religiosa da maré, a maré e divido a represa, ai é humano. Olha daqui ate perto de piranhas nos conhece tudo, sabe onde tem a pedra onde não tem, ele olha será um serra e se baseia pó ali. E melhor pesca no claro, mas e menos peixe, e na noite escura e, mas peixe, agente usa também as estrelas, e o parceiro pescador das os sinais para pesca melhor peixes, ele coloca a proa pra um ponto, faz sinal com a cabeça. (Sr. O, pescador, entrevista concedida em junho de 2022).

Interligados a esta fala do lugar que se pesca, tem também do lugar como se pesca, onde o material de trabalho dos pescadores da Vila de Entremontes não é indiferente a esta real situação, uma vez que a fala do pescador E resulta uma conexão que através das suas observações do dia a dia da paisagem a sua volta estabelece uma leitura de conhecimento da paisagem a seu favor, o pescador senhor E. Descreve que:

Mas se for questão de pergunta assim, com a lua clara é melhor pescar, o no caso no escuro, ai, pra gente que vai pra covos a noite e melhor sempre quando a lua clara fracassa, mas isso ai eu tenho experiência nisso, por que é minha ária, mesma coisa e de rede, do mesmo jeito, a noite de lua fraca, mas a noite de lua escura já melhora, isso pra gente que pesca atrás de ganha o troco.(entrevista concedida em janeiro de 2019)

Figura 10. Material Para Pescar Camarão no Rio São FrancisconaVila de Entremontes
Piranhas –AL. Material na residência do pescador senhor E.



Fonte: Autor (2019).

Os conhecimentos advindos deste grupo étnico ou tradicionale seus modos técnicos dizem muito do conhecimento dos saberes populares, sendo assim, conforme o pescador da Vila de Entremontes:

Olha... se disser assim, na noite de lua é bom pra andar né?É! Agora que agente também no escuro anda porque agente conhece, pode me botar daqui pra Piranhas, vamos dizer sei pedra por pedra, se for agora pelo dia sei onde fica cada pedra, se for à noite muitos não vai dizer, mas noite escura eu digo e tenho certeza vamos por aqui, aqui eu vivo dia a dia” (Sr. E., pescador, entrevista concedida em janeiro de 2019).

Figura 11.Trecho navegável do Rio São Francisco próximo à Vila de Entremontes, Piranhas

– AL.



Fonte: Autor (2019).

A fala dos pescadores da Vila de Entremontes nos evidencia, através de suas histórias reais, um verdadeiro acervo de conhecimento popular, conhecimento vernáculo que de fato embasa a estes autores e protagonistas junto com o que há de melhor do conhecimento científico nas academias. Outra questão importante a se observar refere-se às enchentes do rio São Francisco e à sua serventia múltipla a quem dela depende:

As enchentes do São Francisco fertilizavam as margens e na vazante o ribeirinho fazia seu cultivo na roça da vazante ou do “lameiro”, onde a colheita era abundante. Nesse período intensificavam-se as atividades de pesca nas lagoas que se formavam com as enchentes. Com o refluxo das águas os peixes ficavam retidos e a pesca era abundante (DIEGUES, 2007, p.10).

O Senhor C. destaca:

“Depois desta CHESF, aliás, depois da barragem, em minha opinião, acho que desmantelou muito, ficou ruim a pescaria, ruim! Ruim mesmo, aí tinha tubarana não tem mais, a pira acabou, o mani acabou, não vou dizer que acabou! mas é difícil encontrar, a curvina também!”.

Este significado dos pescadores sobre aspectos ambientais são questões relevantes e importantes discussões feitas através de símbolos que permeiam seu dia a dia. Para aprofundar (Montenegro, 2001, p.2): “Apontam que a sucessão de represas da CHESF localizadas a montante, no submédio São Francisco, teria contribuído para as modificações acentuadas na

composição de espécies de peixes comerciais do baixo curso do rio”. Estes são apenas algumas situações encontradas e brevemente comentadas de como as questões ambientais é perceptível a visão histórica do pescador em si. Ainda Assegura Montenegro “a transformação do ambiente aquático de lótico para lêntico, com o impedimento físico às migrações das espécies aquáticas e a alteração na oferta de alimento, acarretaria mudanças na composição, distribuição e abundância da fauna” (2001, p.2).

Já o pescador Sr. J, acentua:

“Hoje as enchentes são ruins, pois os peixes predadores aproveitam dos pequenos peixes, mas antes das barragens de Xingó, Paulo Afonso as enchentes eram turvas aí os peixes se produziam, era natural. Os riachos têm influência no pescado também, o rio Capiá quando vem com muita cheia ele sobe e desova os filhotes lá rio acima, quando dá enchente olha eu já fui pescar pitu, Piau acima, longe mesmo”(Entrevista concedida em junho de 2022).

Assim, passado, e presente se completam, construídos por tempos diferentes Da mesma maneira, observamos quanto aos pescadores da vila de Entremontes, que também faz uso das tarrafas, foi possível observar que assim como os pescadores do estado da Bahia, citado por Medeiros, conferimos com suas catalogações e informações sobre os pescados que ultrapassam gerações, sendo assim conseguimos evidenciar que estes povos tradicionais têm uma finalidade em comum com taxonomia dos peixes com as suas formas, como cita o pescador Senhor E.

Mas ainda conto um pouco a diferença na pesca daquela época pra hoje é grande, vários peixe agente viu que sumiu, porque existia o pirá, o mani, ainda hoje existe, mas tem pouco, como é surubi que, mas o menos existe, mas é difícil de pega. Já na época de meu pai né? Vinha as canoas de toldas para a feira de Piranhas velha, uma canoa de tolda igual a esta que tem ai né? Pois era à canoa, pois não tinha lancha pra se ver né? Lancha só a tupam, tupige e tupi, eram as três lanchas que tinha, elas percorria a chamada linha férrea de Piranhas velha, e a canoa de tolda arrastava três a quatro surubim que você via descer com elas arrastando rio abaixo, comprava vivo né? Pegava eles vivos né? E já arrastava assim para não morrer, vê como é as coisas, né?

Figura 12. Cais dos Pescadores do Rio São Francisco na Vila de Entremontes, Piranhas – AL.



Fonte: Autor (2019).

Quando surge esta vivência de trabalhos científicos, que é apresentado nos grupos de pesquisa e traz consigo a abordagem diversa dos mais variados saberes cria-se uma perspectiva mais robusta e plural nas pesquisas acadêmicas. Para Ribeiro (2012, p.20):

A partir de então, uma grande vontade – quase uma necessidade – de criar esse tipo de simbiose entre o conhecimento científico e o vernacular das comunidades de cultura tradicional espalhadas pelos quatro cantos do Brasil (quicá do mundo!) sobre os processos e as formas do relevo, como forma de estimular um diálogo mais compreensível entre os “pensadores” e os “atores” do espaço na busca de um desenvolvimento local mais eficaz - passou a me nortear.

Figura 13. Por do Sol no Rio São Francisco na Vila de Entremontes, Piranhas – AL.



Fonte: Autor (2019).

Os povos tradicionais aqui representados através dos pescadores da Vila de Entremontes têm seus conhecimentos transmitidos de geração e geração. No entanto, este mesmo saber embasa futuros caminhos a serem seguidos e trilhados nas perspectivas sociais, culturais e ambientais. Como afirma Ribeiro (2012, p.31), “a análise científica do conhecimento tradicional tem sido uma referência importante para reavaliar os paradigmas dos modelos coloniais e agrícolas de desenvolvimento e servir de base ao desenho de novos modelos alternativos”.

Figura 14. Vista aérea do Centro da Vila Entremontes, Piranhas – AL.



Fonte: Autor (2019).

Nos períodos de pausa da atividade pesqueira, respeitados pela legislação ambiental, necessários para a procriação e subsistência da futura safra de peixes, outras maneiras de sobrevivência como as atividades de costura e bordado exercidas pelas mulheres é o que garante renda a mais para as famílias, igualmente também como foi possível observar que os pescadores, nos períodos de inverno, fazem roças e plantações de milho, palma e feijão.

Assevera o pescador Senhor E. “Oi em Tonho de Zezé todo ano plantava menos era 30, 40 ou 80 torrefaz de roça, pra ter uma idéia aquela serra ali era tudo roça, ali do lado de cima, era plantado palma, ai hoje você ver que esta tudo recuperado”(entrevista concedida em janeiro de 2019). Reafirmando a fala do pescador, senhor A afirma que “o pescador e o agricultor é o mesmo, aqui vivia da agricultura e a pesca antigamente, mas não tem agricultor, pois tinha Chiquinho Rodrigues, Geraldo Camilo tenha os fazendeiros de antigamente hoje, mas não” (Entrevista concedida em julho de 2022).

A agricultura é um meio assim como outros, que os pescadores usam como complemento das atividades laborais, além da pesca, funciona como uma maneira de sobrevivência em uma dinâmica que por determinado período cessa com seus costumes diários, trabalhando de outras maneiras a exemplo de produção de bordados e na agricultura nas diversas formas de arrendamento com os fazendeiros dos topos das serras a sua volta, diversificando e sobrevivendo economicamente de outras maneiras possível.

Figura 15. Mulheres fazendo bordados em Entremontes, Piranhas – AL.



Fonte: Pescadora B. (2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Etnogeomorfologia nos mostra que existe um novo contexto, e este contexto é associar as ciências ambientais e sociais em um mesmo estudo; em outras palavras, ela traz a idéia e a possibilidade que, indígenas, quilombolas e/ou povos considerados tradicionais exercitem, de maneira própria e sem conhecimento técnico e/ou científico uma proteção a lugares de preservação ambiental.

Entretanto, esta abordagem da ciência, por ser pouco estudada, é nova para muitos. Elasegue alguns nexos de abordagens na mesma perspectiva como asseveram Aguilar e Guerreiro (2006, p.1) “a Etnogeomorfologia pode ser considerada uma ciência de abordagem híbrida, assim como a Etnobotânica, Etnozoologia, Etnopedologia, etc., com características multiparadigmáticas da Etnologia, baseada na sabedoria e cognição das diferentes etnias”.

Assim sendo, o propósito deste trabalho seguiu à risca suas atribuições, no tocante tanto a identificar e especializar por meios das características nas feições físicas da paisagem na Vila de Entremontes, que pode servir para subsidiar trabalhos para assessorar demandas de decisões quanto a políticas públicas para este grupo e todo o Alto Sertão de Alagoas.

Quanto a avaliar através da percepção da paisagem com as técnicas e culturas próprias dos pescadores, fica demonstrado que existe uma simbiose entre a natureza e o homem. Destarte, Aguilar e Guerreiro (2006 p.1.) declaram que: “tentar entender o significado da paisagem pelos povos indígenas ou tradicionais” e “através de seus modelos e esquemas de análise da paisagem utilizando o estabelecimento de comparações empíricas dos conceitos populares com conceitos científicos habituais, culminem com mapeamentos geomorfológicos participativos.”

De todo modo, foi possível identificar, através deste trabalho a peculiaridade dos pescadores da Vila de Entremontes. Fica evidente que dentro de suas atividades a pesca está em primeiro lugar, mas ainda existem outras atividades laborais, como o artesanato, a agricultura familiar e o extrativismo ambiental.

Observaram-se adequações dos pescadores da Vila de Entremontes adequações quanto a sua vivência econômica, pois quando os mesmos não fazem uso da pesca por causa da piracema, trabalham na agricultura familiar e no artesanato local (bordadeiras). Essa observação cita também a pluralidade econômica, social e cultural, a qual este grupo faz parte e engloba através da paisagem a sua volta.

Espera-se que este trabalho seja relevante para a ciência como a Geografia, Geologia, Geomorfologia e Etnogeomorfologia, entre outros. Entretanto, é evidente que o mesmo fica à disposição para futuras pesquisas no que diz respeito a políticas públicas para esta população Étnica e/ou tradicional, sabendo que essa abordagem do conhecimento científico é muito ampla, e que devam ser feitas novas áreas de pesquisa que evidenciem os pescadores da Vila de Entremontes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. V. **PAISAGEM DO SEMIÁRIDO ALAGOANO: UM NOVO OLHAR QUE SE CONSTRÓI ATRAVÉS DA ICONOGRAFIA**. In: II Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido, 2017, Campina Grande. Anais II CONIDIS. Campina Grande: Realize Editora, 2017. v. 1.
- ANTUNEM, Mario,R.**Etnogeomorfologia Sertaneja: Saberes tradicionais da Agricultura Familiar sobre os Processos Morfoesculturadores da Paisagem e o Seu Uso o Solo no Município de Jardim- CE., 2017.**
- B. São Francisco, G, P, P. **A Nova Cartografia Social dos Pescadores Tradicionais do Brasil: Mostrando sua Cara, Vez e Voz**. Brasília, 2007.
- BURGOS, Daniel. **Mapeamento Geomorfológico Aplicada a Análise Ambientais: Estudo de Caso Serra Jaqueçaba e seu Entorno**, UFES - Vitória 2009.
- BERTRAND.G, **Paisagem e Geografia Física, Espaço Metodológico**, UFPR,2004.
- CAPRA, F.**O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- CARVALHO, Andréia. **Povos e Comunidades Tradicionais: Revisão Sistemática de Produção de Conhecimento em Psicologia**. Parnaíba, UFPI.
- CBHSF: **Comitê da bacia hidrográfica do Rio São Francisco**. Disponível em: <http://cbhsaofrancisco.org.br/>. Acesso em 15 out. 2021.
- CHANTAL, B-P. e RAISON, J-P. **Paisagem**. In: Enciclopédia Einaudi.v.8. Lisboa: Imprensa Nacional, 1986. p. 138-159.
- CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: EdgardBlücher, 1999.
- CIDADE BRASIL: Mesorregião do Sertão Alagoano. Disponível em: <http://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-sertao-alagoano.html>. Acesso em 20 de ago. 2021.
- COELHO, M.C.N. **Impactos ambientais em áreas urbanas – teorias, conceitos e métodos de pesquisa**. In: GUERRA, A. J. T. e CUNHA, S. B. da (org.) Impactos ambientais urbanos no Brasil.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CONTI,Camila. **De Montes e Montanhas à Paisagem – Reflexões Sobre Sua Abordagem Estética**. São Paulo, 2021.
- CORDOVEZ, J. C. G. **Geoprocessamento como Ferramenta de Gestão Urbana S. R. Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto**, Aracaju. 2002.

CPRM. Serviço Geológico do Brasil. **Projeto: Cadastro de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Piranhas, estado de Alagoas.** Org. João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior. Recife, 2005.

CORRÊA, A. C. B. **Mapeamento geomorfológico de detalhe do maciço da Serra da Baixa Verde, Pernambuco: estudo da relação entre a compartimentação geomorfológica e a distribuição dos sistemas geoambientais.** Recife: 1997. 183p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco.

DIERGUES, Antônio C. **ÁGUA E CULTURA NAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS BRASILEIRAS. I Encontro Internacional: Governança da Água,** São Paulo, novembro 2007 – Procam/Nupaub-USP. Adiegues@usp.br.

ENSIGEO, **V Simpósio Nacional de Ensino de Ciências da terra.** Geologia Ambiental: Análise dos Conceitos e interações com As Demais áreas de geologia. 2011.

ESCOBAR, A. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pósdesenvolvimento?** In: LANDER, E. (org) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires/AR: CLACSO (Colección SurSur) 2005.

FERREIRA, A.B.H. **Paisagem,** In: MiniAurélio: o minidicionário da língua portuguesa. 7.ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FREITAS, LUANA, O; NOGUEIRA, ELIANE, S. **CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONOMICA AMBIENTAL DOS PESCADORES ARTESANAIS DE PIRANHAS, ALAGOAS, BAIXO RIO SÃO FRANCISCO.** Anais do Iº Seminário Internacional de Ecologia Humana. Volume 1, Número 1. Salvador: EDUNEB, 2012. ISSN: 2316-7777.

IBGE, **Cidades** (2017). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov/brasil/al/piranha/panorama>. Acesso em 20 de ago. 2015.

LIMA. EDUARDO NEÓRIO. **MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS E LUTA POR REFORMA AGRÁRIA: O desafio dos acampamentos São Francisco – CPT e Maria Eleonora – MST na busca por terra e água no Alto Sertão alagoano,** UFAL, Delmiro Gouveia, 2020.

LIMA, G. G.; MARÇAL, M. S.; CORRÊA, A. C. B. **Etnogeomorfologiasertaneja: metodologia aplicada nos sítios Farias e Santo Antônio, Barbalha/CE.** Revista Geonorte — Edição Especial. Manaus: UFAM, 2(4): 408-420, 2012.

LOPES, Vanessa Martins. **Etnogeomorfologia Costeira e Estuarina Em Comunidades de Pescadores Artesanais Litoral de Goiânia, Pernambuco.** UFPE, Recife. 2017.

MENDONÇA, Gustavo Henrique. **História de Alagoas.** Mundo da Educação, 2022. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/alagoas.htm?aff_source=56d95. Acessado em ago. 2021.

MAXIMIANO,Liz, Abad. **Considerações Sobre o Conceito da Paisagem**, Editorial UFPR,2004.

MIRANDA, Anderson Ribeiro.**O USO CRESCENTE DE AGROTÓXICOS NO SEMIÁRIDO DE ALAGOAS: A MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO PELO CAPITAL E SEUS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS**.Ufal do Sertão, Delmiro Gouveia – AL 2020.

MONTENEGRO, Sineide da Silva.**Contexto cultural, ecológico e econômico da produção e ocupação dos espaços de pesca pelos pescadores de pitu (macrobrachiumcarcinus) em um trecho do baixo São Francisco, Alagoas-Brasil**. 2001, vol.26, n.11, p.535-540.

MONTE-MOR, R. C. A. **Análise de processos hidrológicos em bacias de rios intermitentes no semiárido mineiro**. 307p. Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

NETO, Eraldo, Medeiros Costa. o tema, **A cultura pesqueira do litoral norte da Bahia**.Etnoictiologia,desenvolvimento e sustentabilidade. EDUFBA Salvador/BA; EDUFAL Maceió/AL. 2001.

NUNES,Junior, E. **Etnogeomorfologia: Aplicações e Perspectivas**. IV Simpósio Nacional de Geomorfologia. 2006.

OLIVEIRA, Caubi: **PESCADO Entrevistado da Vila De Entremontes**, Piranhas Alagoas. junho de2022.

PARAHYBA, R. B. V. Pereira Leite. A. OLIVEIRA NETO. M. B. **Solos do Município de Piranhas Estado de Alagoas**. 4f. (Comunicado Técnico). Embrapa Solos: Rio de Janeiro, dezembro, 2007.

RIBEIRO, S. C. **Etnogeomorfologia sertaneja**: proposta metodológica para aclassificação das paisagens da sub-bacia do rio Salgado/CE. Tese (Doutorado) —Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG, 2012.

RODRIGUES, J.M.M. E SILVA, E.V. **A classificação das paisagens a partir de uma visão geossistêmica**. Mercator -Revista de Geografia da UFC, v. 01, n.01, 2002.

SALGUEIRO, T.B. **Paisagem e geografia**. Finisterra. Lisboa/PT: v.36, n.72, 2001, p. 37-53.

SANTOS, João Pedro, A. **Mapeamento Geomorfológico e Analise de Uso e Cobertura da Terra Em áreas do Maciço de Água Branca e seu Entorno**, UFAL – Delmiro Gouveia, 2020.

SILVA, Clenis, Ventura. Caracterização da Micro Bacia do Rio Boa Vista no Município de Piranhas Alagoas. Delmiro Gouveia. Al. UFAL, 2019.

SILVA, Jaqueline, PAMBOUKIAN. Silva, MONTEIRO Gabriela. Artigo **Introdução ao Geoprocessamento**. 2016.

SILVA, Jose Bezerra, Silva. **Educação Escolar Quilombola: Limites e Perspectivas.** Palmeiras dos Índios, 2015.

SILVA, Maria G. Holanda. Virginia Célia C. **A Expansão do Ensino Superior em Debate.** Edições Uva. Sobral – CE, 2018.

SMA/SP. Secretaria de Estado do Meio Ambiente de São Paulo. **Diagnóstico técnico Produto 2 - Meio Biótico – APAM Litoral Norte.** 2017. Disponível em http://www.sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam3/Repositorio/511/Documentos/APAM_LN/APA_MLN_Costoes.pdf. Acesso em 23/11/21.

SOARES, Maria Ariana de Almeida. **A Canção e o Samba Tebei: Leitura, Cultura e Movimento Quilombola no Distrito Piau Piranhas, Alagoas.** UFAL - Delmiro Gouveia, 2019.
SOARES, Maria de Almeida. **Comunidade Quilombola Sitio Lages e Ensino de Geografia Experiência na Escola Luiz Tertuliano da Paz.** UFAL - Delmiro Gouveia, 2019.

SOUZA, Edson. **PESCADO Entrevistado da Vila De Entremontes, Piranhas Alagoas.** junho de 2022.

XYPAS, Rosiane. **Perguntas e processos para um ensino de leitura literária inovador.** Revista Investigações, Recife, v. 33, n. 1, p. 1 - 27, 2020.